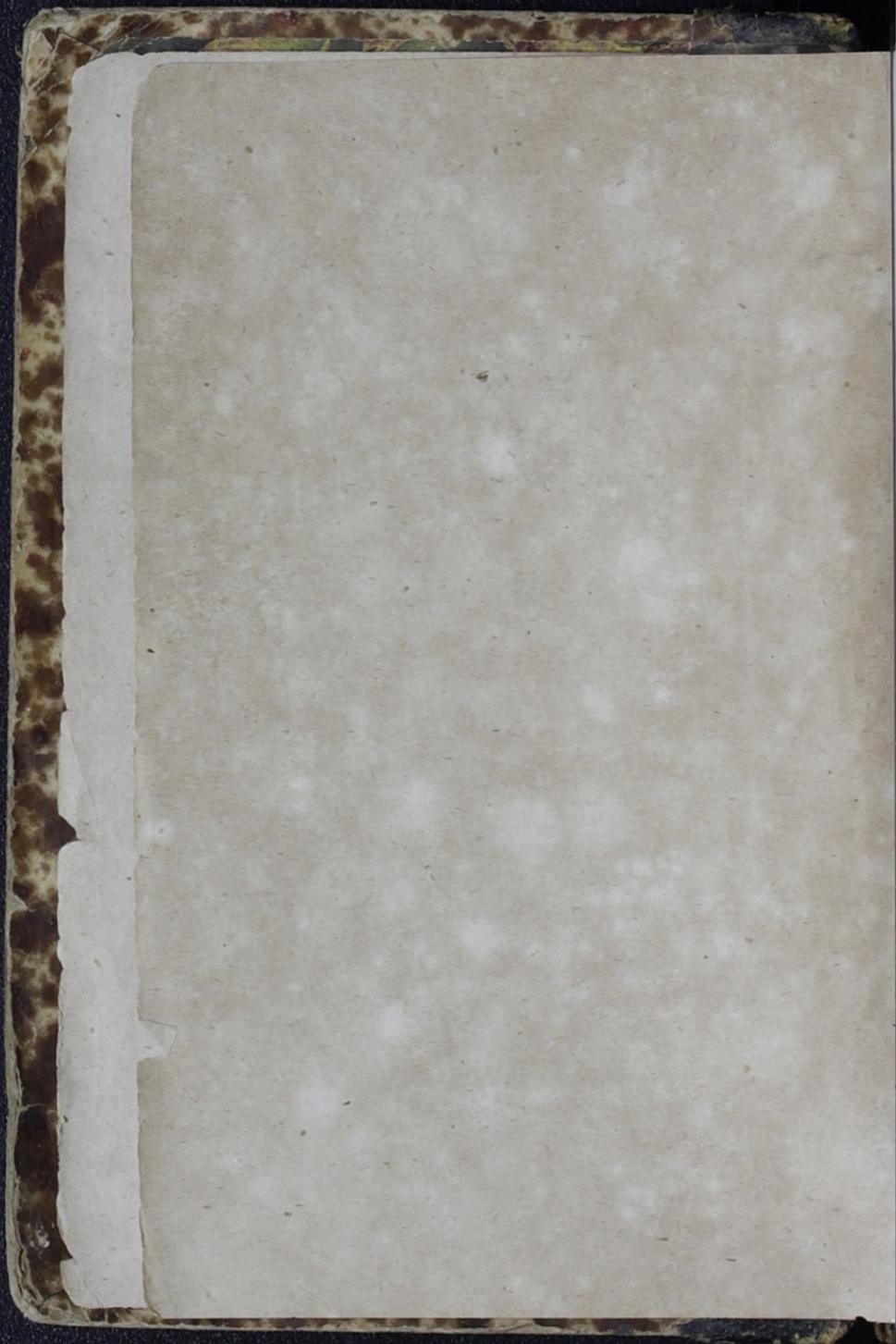


Handwritten scribble or signature in pencil, consisting of several overlapping loops and lines, located in the upper left quadrant of the page.



*Lucia*

LUCIA

# BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Collecção in-12 a 18000 o volume

J. DE ALENCAR	— Til . . . . .	4 v.
BERN. GUIMARÃES	— O Indio Affonso . . . . .	1 v.
O. FEUILLET	— Julia . . . . .	1 v.
J. SANDEAU	— João de Thommeray . . . . .	1 v.
FAUSTO	— Um casamento de tirar o chapéo . . . . .	1 v.
—	— A Caça de um Baronato . . . . .	1 v.
—	— Scenas da Vida Republicana . . . . .	1 v.
—	— Um Provinciano Ladino . . . . .	1 v.
—	— Dous dias de Felicidade no Campo . . . . .	1 v.
KOCK JUNIOR	— Um marido por um pé de meia . . . . .	1 v.
—	— O bom do Sr. Leitão . . . . .	1 v.
A. BELOT	— A Mulher de Fogo . . . . .	2 v.
A. BELOT e J. DAUTIN	— O Matricida . . . . .	2 v.
—	— Dacolard e Lubin . . . . .	2 v.
E. ABOUT	— O Nariz de um Tabellião . . . . .	1 v.
A. DUMAS FILHO	— O Homem-Mulher . . . . .	1 v.
—	— Sophia Printemps . . . . .	2 v.
P. DE KOCK	— Friquette . . . . .	2 v.
—	— Memorias . . . . .	2 v.
A. ASSOLANT	— Confissão de um Badense . . . . .	1 v.
—	— O Doutor Judassohn . . . . .	1 v.
E. GABORIAU	— A Vida Infernal . . . . .	6 v.
—	— A Corda na Garganta . . . . .	5 v.
MAX VALREY	— Martha . . . . .	3 v.
P. FÉVAL	— O Sobrevivente . . . . .	4 v.
E. FEYDEAU	— A Arte de Agradar . . . . .	1 v.
X. DE MONTÉPIN	— O Marido de Margarida . . . . .	2 v.
—	— A Condessa de Nancey . . . . .	2 v.
—	— O Amante de Alice . . . . .	2 v.
—	— O Bigamo . . . . .	4 v.
FERVACQUES & BACHAUMONT.	— Rolande . . . . .	4 v.

# LUCIA

HISTORIA

DE

UMA MULHER PERDIDA

POR

ARSÈNE HOUSSAYE

VERSO DO FRANCEZ



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

BIBLIOTECA MUNICIPAL do EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO  
"ORIGENES LASSA" 69 Rua do Ouvidor 69

Volume N.º 25153

*pertence a  
Antonio Augusto Cabral M. S.*

MEMORANDUM

1862  
1863  
1864  
1865  
1866  
1867  
1868  
1869  
1870  
1871  
1872  
1873  
1874  
1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1880  
1881  
1882  
1883  
1884  
1885  
1886  
1887  
1888  
1889  
1890  
1891  
1892  
1893  
1894  
1895  
1896  
1897  
1898  
1899  
1900

MEMORANDUM  
OF THE  
PROCEEDINGS OF THE  
COMMISSIONERS OF THE  
LAND OFFICE

# LUCIA

## HISTORIA DE UMA MULHER PERDIDA

---

### I

#### QUANTO CUSTA UM BOUQUET DE CEM SOLDOS

Ella chamava-se Lucia Moreau, elle chamava-se Gontran Staller; ella porém, tinha italianisado um pouco o nome para o theatro, porque cantava então nos *Bouffes Parisienses*.

Porque a amava elle? E ella porque o amava? Perguntem-n'ó a Chamfort. Como se tinham elles conhecido? Não sei. Elles mesmos já o não sabiam. Tinham tido, um bello dia, ao despertar, a surpresa de se acharem juntos.

A mãe e a irman de Gontran tinham em vão tentado

deitar uma gotta d'agua benta no coração d'elle, que era um inferno. Elle só jurava por Lucia, apresentava-se em toda a parte com ella, não só nos camarotes dos theatros de segunda ordem, como no Bosque, por onde andava com ella em uma americana ou em um *phaeton* ou em um *dog-cart*, quando a não levava em seu *coupé*. Não receiava ser visto pela mãe ou pela irman; tinha no emtanto ainda pudor bastante para chegar sempre ao Bosque um pouco tarde, á hora dos namorados, quando já as carruagens burguezas estão de volta para os Campos Elysios.

Ninguem se inquietava muito de vel-o deitar dinheiro fóra. Seu pae, que tinha uma boa fortuna, tanto em terras como em moeda, bem podia perder um milhão sem pestanejar. No emtanto, nada sabia das desordens do filho. Sabia que elle tinha amigos de boa nota e não o suppunha capaz de cahir até á loucura. Bem via elle que o filho vivia n'uma doce ociosidade parisiense que ceifa o trigo ainda verde, mas acreditava que lhe restariam para a epocha da rasão bastantes feixes maduros.

Staller, embora de origem lorena, era parisiense pelos costumes e pelo espirito. Desgostar-se-hia se visse o filho passar pela mocidade sem a gozar; mas condemnava energicamente todo o filho prodigo que faz dos vinte annos uma orgia, nodoando a alma e estragando a virilidade. Não queria que o homem morresse ás mãos do moço; mas estava longe de suspeitar que a

mulher e a filha choravam já, assistindo ao espectáculo de decadencia do filho.

Uma noite, em que Mlle. Lucia tinha cantado um pouco peor que de ordinario, arrastou Gontran a uma festa dada por una de suas amigas, a Basemont, por alto nem viu a Rocha Tarpeir. Alguem tinha atirado um bouquet á illustre comediante, era preciso que ella o mostrasse a todos. E d'ahi, é tão aborrecido ir deitar-se a gente, quando os outros se divertem! Lucia esperava encontrar na festa muitos conhecidos seus de ambos os sexos.

Dansava-se em uma sala, jogava-se n'outra; Lucia achou que não estava bastante decotada para dansar; sentou-se descuidosa a uma mesa de jogo e disse:

— Jogo o meu bouquet.

Tinha-se jogado o *baccarat*. Mas para fazer a vontade á Taciturna que não sabia contar até nove, jogava-se o *lansquenet*. Havia uma parada de quinhentos francos.

— O meu bouquet contra os quinhentos francos, disse Lucia. Bancava o conde d'Aspremont, amigo de Gontran e ex-amigo de Lucia.

Encarou duas vezes sua ex-amiga.

— Passo a mão, disse Mecom com impertinencia.

Estava convencido que a mulher, — enganci-me, o bouquet, — não valia quinhentos francos.

— E eu, disse o visconde de Harkên, acceto a mão e o bouquet.

Dizendo isto, tomou com uma das mãos a mão de Lucia com a outra as cartas. Gontran teve um movimento de ciume, mas era bem educado, e sorria como os outros.

— Este bouquet vale bem quinhentos francos, disse Harken fictando a actriz.

Poz o bouquet diante de si e ao lado uma nota de quinhentos francos.

Voltou sete ou oito cartas.

— Ganhei, disse. Meus senhores, ha na mesa mil francos.

— Como assim? perguntou um jogador serio.

— É simples, quinhentos francos da nota e quinhentos do bouquet. Este bouquet não é nota do banco, mas é uma lettra a prazo. Não é verdade. Lucia, que has de pagar no dia do vencimento?

— Pago, disse Lucia, que não queria descontentar Harken.

E depois, corando como uma virgem, disse :

— Mas eu bem sei quem me hade apresentar o bouquet.

— Quem ?

-- Gontran !

Harken passou as cartas.

— Estão quentes, disse Eugenio Max, um banqueiro que tinha pouco antes feito um emprestimo ao Estado, tinha tomado as cartas.

— Pára os mil francos, disse Gontran.

— Este bouquet vae custar-lhe caro, replicou Eugenio Max.

Ganhou o banqueiro.

Deu-se então um d'esses casos extraordinarios que fazem crer que as cartas tem malicia.

— Aposto os dous mil francos, disse Gontran, entre-risonho e irritado.

Lucia, que estava defronte d'elle, animou-o com o olhar.

O banqueiro virou, dous azes.

— Quatro mil francos ! disse elle erguendo os olhos para Gontran...

— Corra ! disse este.

O banqueiro virou dous dez.

— Estas cartas estão enfeitçadas, disse a actriz.

— Estas, sim, disse o visinho d'ella, porque fui eu que cortei.

E pediu a Eugenio Max que a accitasse como socia.

— Pois sim, disse elle com desdem, entre com cem soldos.

D'esta vez o banqueiro foi obrigado a voltar sete ou oito cartas, mas ainda ganhou.

— Quem pára os deseseis mil francos ? disse com ar de pouco caso,

— Eu, disse friamente Gontran.

Depois de viradas quatro cartas, havia na mesa trinta e dous mil francos.

— Continue, disse Gontran.

O banqueiro virou um valete de paos.

— Oh! diabo, disse elle gravemente, este vae trahir-me.

Mas a quarta carta que virou era outro valete de pács.

— Sessenta e trez mil e quinhentos francos e um bouquet, disse Eugenio Max, para fazer crer que não estava commovido.

— Aposto o bouquet e os sessenta e trez mil e quinhentos francos, disse Gontran.

— Não corras atraz do dinheiro, gritou uma jogadora.

— Não é atraz do dinheiro que elle corre, é atraz do meu bouquet, disse modestamente Lucia.

Deu-se um terrivel combate na espirito de Gontran : se tornasse a perder, quem lhe emprestaria, em vinte e quatro horas, os cento e vinte mil francos perdidos.

Já a mãe lhe dera todas as suas economias ; já a irmã a pretexto de comprar quadros, lhe dera quanto podia dar-lhe. Não ha amigos que emprestem cento e vinte mil francos, principalmente entre jogadores. A musica tocava sempre, mas ninguem dansava : tinham vindo todos assistir a esse duello por um bouquet. Gontran fazia

cara alegre, sorrindo e balançando-se com graça, para disfarçar a emoção.

O lance foi demorado, mas o banqueiro tornou a ganhar.

Poz as cartas sobre a meza, como não querendo mais.

— Não creio, disse Gontran, que o sr. tenha a intenção de cessar o jogo ?

Eugenio Max encarou fixamente.

— E eu não creio que o senhor pretenda continuar a jogar d'este modo até de manhan ?

— Pois bem dê-me então o bouquet, disse o namorado.

— Oh ! isso não, respondeu o banqueiro com ar cavalheiresco, para disfarçar a alegria que sentia por ganhar cento e vinte e oito mil francos.

Olhavam-se todos em silencio.

— Pois bem ! disse Gontran, o senhor tem ali ainda sete ou oito cartas, vamos até o fim !

— Vá feito, disse o banqueiro.

Parou de novo as cartas e virou a damas de copas.

— Esta nunca me trahiu, disse elle.

— E, erguendo os olhos para Gontran :

Seria melhor não continuar, tenho certeza de virar uma dama.

— Pois vire sua dama, disse Gontran.

O banqueiro virou um rei.

Os reis sahem como as rainhas, disse Gontran, tentando dizer uma pilheria politica. O banqueiro virou todas as cartas sem achar nem rei nem dama. Poz a ultima carta em cima da meza e respirou. Os espectadores retinham a respiração e olhavam uns para os outros.

— Aposto pelo rei.

— Aposto pela dama.

Via-se que a primeira carta era uma figura. Vinte mil francos de apostas appareceram na mesa. Gontran estava em um suplicio. Passava-lhe pelos olhos a severa figura do pae; nem ousava mais olhar para Lucia, porque era ella evidentemente a causa d'estas anciedades.

— Gontran é um perfeito jogador dizia Lucia a seu visinho; veja, nem pestanejou.

E o visinho respondeu:

— É porque se não sahir sempre lhe fica uma dama para o consolar.

Cortaram.

O banqueiro tomou as cartas e virou a dama de paos.

— Uma dama! exclamaram todos. E accrescentaram:

— Duzentos e cincoenta e seis mil francos!

Eugenio Max tomou o bouquet e offereceu-o a Gontran.

— Meu caro senhor, disse, offereço-lhe o bouquet.

— Aceito o bouquet, disse, Gontran com algum desdem, mas heide pagal-o.

— Ora vamos, disse a dama da casa, estes jogos fazem-me medo. Joguemos um baccarat moderado onde não perturbemos mais os que querem dansar.

Gontran chegou-se ao banqueiro.

— Ordenou o senhor?

Eugenio Max deu-lhe um cartão de visita.

— Antes do meio dia irei levar-lhe duzentos e cinquenta e seis mil francos.

As mulheres estavam pasmas.

— Como se atira, este Gontran! Felicitaram Lucia, mas felicitaram principalmente o homem que ganhou.

— E então, disse a este a rapariga que tinha entrado com cem soldos, tu sabes que eu tenho direito á metade?

— Olhe, disse-lhe outros, tu sabes que fui eu que te dei a sorte, alli está a figa.

E mostrava-lhe uma figasinha de coral.

— E eu, disse ainda outro agradeça-me não ter eu bancado.

Em uma palavra, se Max, desse ouvidos a todas as raparigas, deixava-me alli mesmo até o dinheiro com que entrou para o jogo.

Gontran chegou-se a Lucia.

— Vamos?

— Já?

— São quatro horas.

— Não vou, quero dansar.

Foi uma punhalada no coração de Gontran.

— Queres dansar !

Offereceu-lhe o bouquet.

— Ah ! obrigada !

E a actriz olhou para o pé do bouquet á espera de achar n'elle alguma nota de banco, mas o que lá estava era ainda o primitivo papel.

— Queres dansar comigo, Gontran ?

— Não, tu bem sabes que eu não danso, bem sabes que perdi e que preciso ir para casa.

— Então, adeus !

Gontran levou a mão ao coração.

— Adeus, suspirou elle.

Lucia accitou o primeiro cavalheiro que se lhe offereceu e foi dansar em completa paz de espirito e coração.

Gontran não conseguiu fugir da sala. Olhava para Lucia com furor.

Ella teve alguns remorsos e voltou a elle sem fazer caso do par.

— Meu querido Gontran, faz uma cara alegre á tua gatinha. Foi muito bonito de tua parte jogar pelo meu bouquet, mas terias feito melhor se me tivesses dado todo o dinheiro que perdeste.

Gontran, que ia a enternecer-se, indignou-se de novo e repelliu a mão de Lucia.

— Ora vamos, disse ella, olhando-o com meiguice, confesso que disse uma tolice. Tu bem sabes que eu te

amo. Foi bonito o que tu fizeste !

— Pois então, vem comigo.

— Não, porque tu vaes para tua casa. Espero-te amanhã.

— Amanhã é hoje.

— Vae ver-me ao meio dia.

E Lucia cheirou o bouquet fazendo uma piruetta.

Gontran caminhou para a porta.

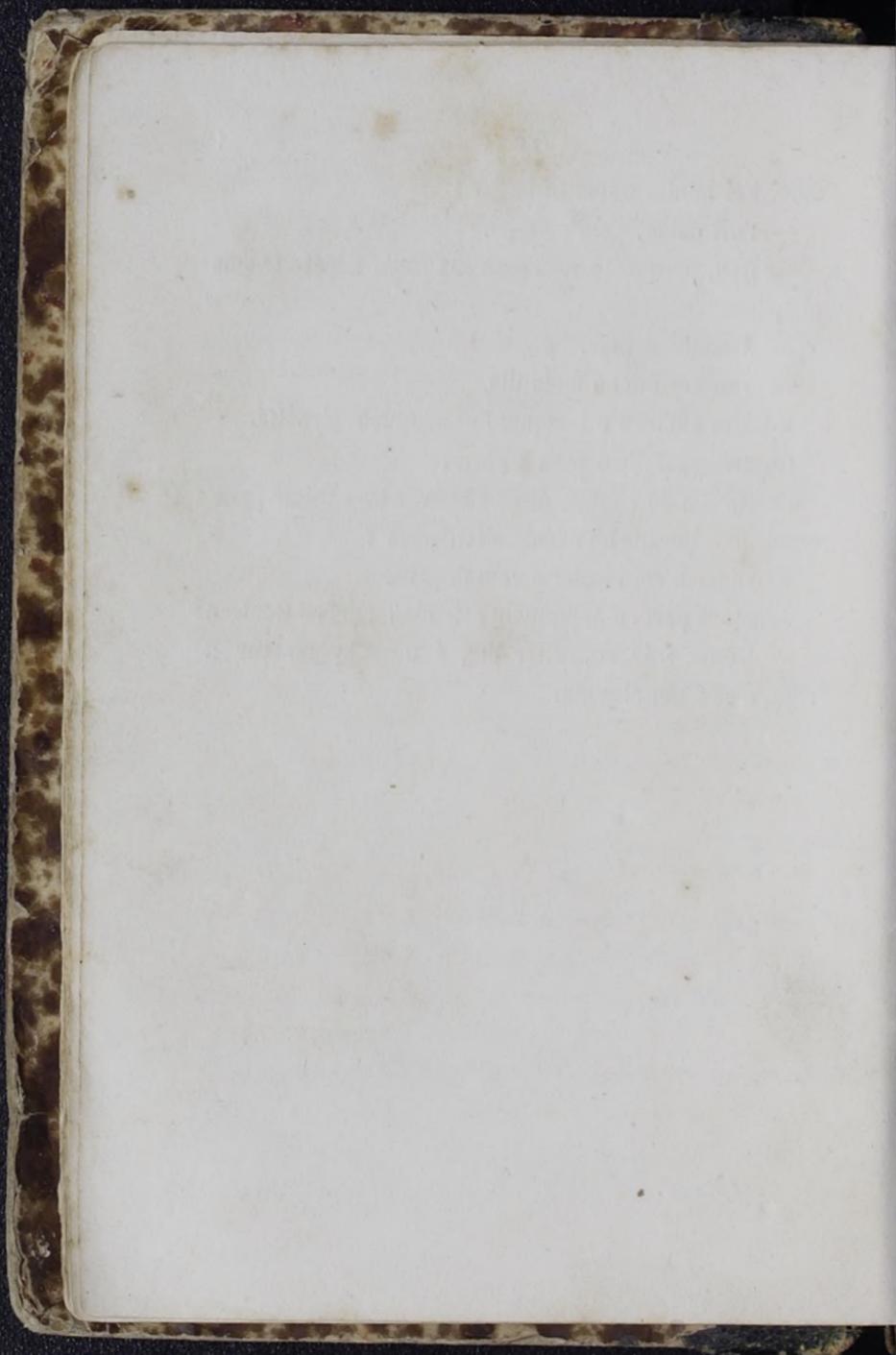
— No fim de contas, disse elle, vendo-a voltar para a quadrilha, porque não hade ella dânsar ?

Elle amava com ardor e com doçura.

Juncto á porta d'Aspremont estendeu a mão a Gontran :

— Toma cuidado, disse-lhe, é um abysmo cor de rosa, mas é um abysmo.

---



## II

## PERFIL A TRES-QUARTOS DE MADEMOISELLE LUCIA

Em um canto da sala uma *arrebentada* contava a um chronista a historia de Lucia.

— Olha, meu caro, ella nem sempre teve amantes que jogassem uma fortuna por um bouquet. *Estreicu* entre gando-se a torto e a direito.

Só amou uma vez, mas devêras. Era um pintor, tu sabes quem, o Raphael das Morenas da Rainha Branca. Esse fez d'ella o que quiz; abusou-lhe do corpo como modelo e pisou-lhe o coração.

— Pois ella tem coração? perguntou o chronista, simulando surpresa?

— Não. Já o não tem: é carga má que se atira ao mar para evitar o naufragio. Mas se souberes como ella foi infeliz.

— Infeliz porque? e porquem?

— O amante amou-a apenas um dia. Zombava das lagrimas d'ella. Ella não estava habituada a servir de modelo ; mas, por ciuime, não queria que outras mulheres fossem á casa d'elle. E elle, para se divertir, dava-lhe em espectaculo todas as deusas da officina ! E ahí está !

Estas poucas palavras bastam para dizer que Lucia tinha tido mais de um amante.

Asmulheres perdidas são como as nações que tem tido muitos reis, mas lembram-se apenas dos tyrannos, unicos amados porque só elles as fizeram soffrer.

Lucia nem se dignara lembrar-se d'aquelles que tinham reinado só um dia. Foi ella que, nos bastidores dos Bouffes-Parisienses, revelou o seu character dizendo a um homem que teimava em recordar-lhe a intimidade que tiveram durante uma hora : « meu caro, o senhor pagou-me, não é assim ? pois então, não lhe devo nada. »

E tinha razão, uma mulher nada deve ao homem que lhe pagou. E o homem que paga não tem direito de se recordar em publico : onde entra o dinheiro, não ha bôa fortuna.

Mas se Lucia esquecia tão facilmente todos os reisinhos da dynastia, lembrava-se e sempre do homem que tinha reinado sobre ella por direito de conquista e por direito de tyrannia.

Em quatro palavras á historia é esta:

Lucia que nascera altiva tinha passado por todas as

humilhações da pobreza. A pobreza não é vicio, mas é muitas vezes a mãe de todos os vicios.

Lucia tinha passado a infancia em um cubiculo com a mãe enferma e uma irmã, creatura angelica, que lhe supportava as iras. Tratava-a como uma boneca a quem se faz mimos ou se dá pancada, conforme o capricho. Colorubina — assim se chamava por ter nascido no dia d'esse santo — sorria sempre, sem uma só vez se queixar; já comprehendia que a igreja é a casa em que Deus abriga os opprimidos: só ia com a mãe á missa, ao mez de Maria, a todas as festas, feliz como se fosse para o céu. E quando Lucia quiz viver do peccado, Colorubina jurava a Deus viver para a virtude. Ou melhor não jurava, obedecia ao coração.

Lucia soffreu a miseria revoltando-se sempre contra ella. Quando era pequena, via passar as outras meninas, com vestidos de velludo, chapéos de plumas, a passeiar, emquanto ella com o seu vestidinho de chita, rôto nos cotovellos, era obrigada a esconder-se. Via brinquedos maravilhosos, bonecos que fallavam e escreviam: ella mal ousava tocar-lhes, porque a mãe batia-lhe para castigar-lhê a curiosidade precoce. Mais tarde, teve de ir á eschola, sempre mal vestida, andando pela rua á chuva e á neve, e vendo passar as professoras que iam dar lições ás meninas ricas, em casa dos pais.

Quando tinha doze annos, a mãe mandou-a para casa de uma costureira; « Pois de todos estes lindos vestidos

nenhum hade ser para mim? » dizia ella; e trabalhava mal; creio mesmo que em seus momentos de orgulho e colera deu algumas thesouradas no setim; despediram-n'a e a mãe levou-a para a loja de uma modista.

Ahi o mesmo ciume pelos chapéos, destinados a embellizar com suas flôres, rendas e fitas, tantas burguezas que não tem que fazer da belleza, e tantas comediantes que vivem d'ella. Nem um só chapéo foi inventado por essas mãos de fadas que Lucia o não pozesse na cabeça; por isso appellidaram-n'a Cogumello. Já então faceira como a faceirice, consentiria em estar de chapéo na cabeça em uma vidraça.

Um dia, ou antes, uma noite, ella estava tão habituada a experimentar chapéos, que deixou um na cabeça ao sahir para casa.

Era um adoravel nadinha, com um passaro, uma tira de Chantilly, uma papoula e uma espiga.

O tal chapéo estava destinado a uma marqueza apaixonada que devia ir com elle essa noite ao concerto nos Campos-Elysios. Lucia não imaginava que o caso fosse tão serio. Ainda ignorava a importancia do papel que representam os chapéos na vida das mulheres do tom.

Quando a marqueza, cansada de esperar, mandou buscar o chapéo, não o acharam. « Oh! meu Deus! disse uma das costureiras, a louquinha de Lucia, tinha-o posto na cabeça e provavelmente levou-o sem querer. »

Correram a casa de Lucia, porém Lucia não tinha ido

para casa. Para onde iria Lucia com o chapéo da mar-  
queza? Para casa do amante da marquezia.

Julgava ella que assim, de chapéo na cabeça, desfor-  
rava-se de todas as humilhações passadas.

Como conhecia ella o amante da marquezia? Conhe-  
ceu-o um dia em que, indo levar um chapéo, encontrou-o  
na escada. As modistas são de uma virtude proverbial,  
mas emfim tem acontecido mais de uma vez cahir um  
anjo.

N'esse dia, Lucia libertou-se; apagou desdenhosa-  
mente todas as recordações da sua miseria.

Mas não esqueceu o que soffrera. A inveja, peccado  
mortal, tinha-lhe corroido o coração, matando em flôr  
quasi todos os bons sentimentos que são o apanagio da  
mulher. Desse modo ella estreitava no mundo com um  
não sei que de máo e perverso n'alma. Começava pela  
vingança, como outras começam pelo sacrificio. Tinha  
ciumes de todas as mulheres, não só porque ellas po-  
diam tirar-lhe todos os homens, mas tambem porque  
todas ellas gosavam o seu quinhão de luxo e felicidade,  
emquanto ella vivera tanto tempo pobre e desgraçada.

Emfim, chegava a sua vez, não ainda com o amante da  
marquezia, que limitou-se a dar-lhe uns brincos de seten-  
ta e cinco francos.

Quem sabe lá quantos amantes ella teve?

Fallemos do seu primeiro amor.

Quando ella começava a atirar se aos azares da vida

de cortezan, encontrou no Elyseu-Montmartre, onde figurava entre as desdenhosas, um rapaz pintor que andava á procura, ao que elle dizia, de modelos de virtude.

Naturalmente levou Lucia comsigo.

Eugenio Deschamps era um desses pintores que tem todas as virtudes do artista, menos o trabalho. Tinha bom olhar e boa mão ; mas nunca passava do principio. Logo que esboçava uma tela, começava outra. Fallava bem de mais da sua arte, para não parar em meio do caminho. É que tinha talvez um ideal tão perfeito que nunca podia attingir a tanto. Tinha tentado todos os generos : desde a paysagem até a historia. Quem entrasse em casa d'elle, espantar-se-hia da grande variedade de tentativas. Mas nos esboços mais felizes, o discipulo trahia o mestre. Á primeira vista conhecia-se que á pintor não insistia ante uma difficuldade.

Era dos felizes que tiveram junto ao berço todas as boas fadas, menos a que tem o dom da vontade.

Podia-se no entanto não desesperar d'elle. A mocidade arrastava-o a todas as loucuras, chegava tarde o officina mas talvez rompesse um dia com esse viver por partidas dobradas, tocando sempre o melhor do tempo ás paixões.

Todos sympathisavam com elle, porque lhe reconheciam uma verdadeira natureza de artista. E demais elle era encantador.

Chenavard dissera de Eugenio Deschamps: « Quando

elle deixar de ter vinte mulheres ás costas, hade fazer alguma cousa pela pintura » Mas o pintor não caminhava pela estrada da solidão. A pretexto de modelos, continuava a viver como em um serralho. Não que elle fosse mais depravado que outro qualquer, porém tinha umas theorias suas; dizia aos camaradas mostrando-lhes mulheres: « Ahi estão os meus antigos. O que mais convem estudar não são os mestres, é a natureza ».

Elle recebeu Lucia como receberia outra qualquer, julgando ser isso questão de um dia, mais foi uma paixão tanto de um como de outro, quer elle a amasse, por conter pancadas, quer a carinha d'ella o tocasse de mais perto. Lucia sentiu-se seduzida desde o primeiro momentos pela graça, o imprevisto e a desenvoltura do pintor. Achou-se á vontade na officina d'elle como se estivesse em sua propria casa. Na vespera, só pensava em procurar aventuras para ter dinheiro. Logo que foi para a companhia de Eugenio Deschamps, julgou-se rica, embora lhe faltasse tudo, porque elle não era homem capaz de lhe dar o superfluo. Enganei-me, dava-lhe o superfluo, porque lhe dava o amor.

Ella imaginou que este bello viver duraria sempre. Tinha desejado em sonho uma carroagem para ir ao Bosque, cavallos inglezes, vestidos cortados por Worth, diamantes que offuscassem todas as suas rivaes. Mas, pelo braço de Eugenio Dechamps, ia alegremente jantar ao restaurante, habendo vinho d'Argenteuil e achando-o

delicioso, porque o amor a tudo communica a sua ebriedade.

De dia servia de modelo ao pintor durante uma hora. À noite ia com Eugenio Deschamps a um theatro qualquer ou aa Elyseu-Montmartre, e uma outra vez á Closerie-du-lilas. Passavam por ella mulheres loucamente pagas e não lhe causavam ciumes, porque ella sentia que o amor é o millionario por excellencia.

Lucia achava-se tão bem na officina; que foi para lá morar. Eugenio Deschamps revelou-lhe a belleza, porque ella não se suppunha tão bella.

Oh! feliz tempo em que Lucia era feliz.

— Oh! como eu te amo porque me amas, dizia ella ao pintor.

— Tu amas-me porque me amas, respondia elle.

E beijavam-se e cantavam e tornavam a beijar-se: era a canção do beijo e o beijo da canção.

Lucia servia de modelo para o torso e para a expressão, o pintor esboçava ao mesmo tempo uma Magdalena e uma Diana. Lucia tinha orgulho de servir de modelo a esses dous typos de belleza.

Deve haver amor nas paysagens, mas é preciso que haja tambem paysagens no amor. Os parisienses mais arraigados ornavam suas paixões com flores de estufa, de janella ou de telhado. Sem fallar nas estações que fazem ante a cascata do Bosque de Bolonha ou debaixo dos carvalhos da floresta de Saint-Germain.

Não havia flores na officina de Eugenio Deschamps Lucia levava todos os dias para lá um bouquet : violetas, rosas, jasmims ; porque estavam em primavera.

Um dia em que ella trouxe um ramo de pilriteiro, Eugenio Dechamps atirou ao chão os pinceis e exclamou que precisava ir correr pelos bosques. Elle tinha nascido perto da floresta de Compiègne. Quiz respirar um pouco do ar natal. Levou Lucia para Pierrefond. Foi antes do principio da estação das aguas ; por isso achavam-se elles sós em plena natureza, entre essas admiraveis paysagens onde havia de tudo : a floresta, o lago, a montanha, as mattas, os abysmos, os barrancos, o castello, em um palavra, todas as eloquencias da natureza, por onde passou a mão do homem.

Lucia foi ahi nada mais de tom que em Paris. Até então nunca tinha ido além da festa de Saint-Claud.

Em Pierrefond enebriou-se com todas as maravilhas agrestes. Nunca lhe parecia cedo para se levantar, nem tarde para deitar-se.

— O que me admira, dizia ella alegremente, é não ter já folhas nas mãos e uma cabeça, porque sinto que estou plantada aqui. Esqueceram-se de tudo durante seis semanas n'essa deliciosa vida do campo. Foi o que lhe desaggrava do amor.

Quando voltaram para Paris, parecia-lhes que despertavam de um lindo sonho.

Lucia tinha julgado eterna aquella paixão. Não

sabia que a felicidade só apparece as vezes para tornar a vida mais triste, como o fogo de artificio que só brilha á noite.

Eugenio Deschamps disse uma manhã a Lucia que tinha convidado um outro modelo, um pouco menos magro, porque Lucia não era perfeita. Ella indignou-se, jurou atirar a recém-vinda pela janella da [officina, e ameaçou ir servir de modelo a outro pintor.

— Pois vai, disse-lhe o amante que não gostava de amores eternos.

Lucia chorou, ajuntou o que lhe pertencia, e fingio que se ia embora.

Foi isso justamente á hora em que a outra chegava.

Tornou a entrar com ella gritando :

— Não me heide ir embora.

O artista riu a bom rir para acabar com a scena sentimental, mas o que não tinha acabado eram as lagrimas e a colera de Lucia. Teimou e impoz-se. Affagou os cabellos postiços da outra, que lhe ficaram nas mãos, atirou com elles a cara do pintor, que foi obrigado a agarral-a para a conter.

Durante tres mezes, repeliram-se sempre a mesma scena na officina e por toda a parte. Quanto mais Eugenio Deschamps se desprendia, mais Lucia se agrilhoava a elle. Vieram as lagrimas, o desespero, a pallidez ; é facil de prever o fim tragico. Lucia soffreu todas as miserias da paixão.

Quiz arrancar o coração, quiz morrer, até..... qué se resignou a viver sem coração.

N'esse dia, tinham-n'a convidado para debutar em uma magica.

Foi o primeiro passo que deu em sua nova carreira.

— Faço um papel de deusa, disse ella com orgulho, é um bom agouro. Heide vingar-me pondo o mundo de-baixo dos pés.

Acreditou que a verdadeira volupia estava mais na traição que no amor. Fazer um homem feliz emquanto outro soffre, era desde então, a seu vêr, em que existia a felicidade da mulher.

Teve, não se sabe bem porque, a seus pés uma longa serie de apaixonados. Aniquilada por sua primeira paixão, tinha o encanto fatal das mulheres que já amaram. E demais, horas havia em que era bonita, porque sabia compor o rosto e fallar com os olhos.

Tinha jogado tudo por tudo. Com o primeiro luiz comprou luvas e um leque, com o segundo botinas, com o terceiro alugou um vestido, com o quarto foi ao Bosque, com o quinto foi jantar ao Moulin-Rouge.

Não tinha o preconceito da constancia; dizia como o philosopho : « ser um infiel a amante, é ser fiel ao amor »

Se entrou para o theatro, ella que não sabia orthographia, não foi por amor da arte, e sim porque qualquer pedestal é bom, principalmente o do palco. Quando se

quer pôr a beleza em acções, o theatro fornece muitos accionistas.

Gontran Staller foi um accionista de primeira força.

Uma noite, em que elle não sabia o que fazer, teve a infelicidade de encontrar nos Bouffes-Parisienses. Lucia estava encantadora, essa noite. Desafinava cantando, mas a bocca era tão bonita!

Gontran sabia que os bastidores dos Bouffes-Parisienses não são deffesos como o jardim das Hesperides; tinha jantado com Offenbach, que foi bater á porta de Lucia: Bate, que hão de abrir. Entrou o cordeiro para a goella do lobo. Não lhe pareceram por demais aguçados os dentes de Lucia.

Lucia aparentou virtude. Mas no fim do espectáculo sacrificou-lhe o amante da vespera. Era um jovem diplomata que lhe mandou o coupé, com um bilhete levemente sellado com suas armas. Ella entrou para o coupé com Gontran, rindo a bom rir.

— Como se hade divertir o visconde! disse ella entre duas gargalhadas.

E accrescentou gravemente:

— Isto põe-me no tom.

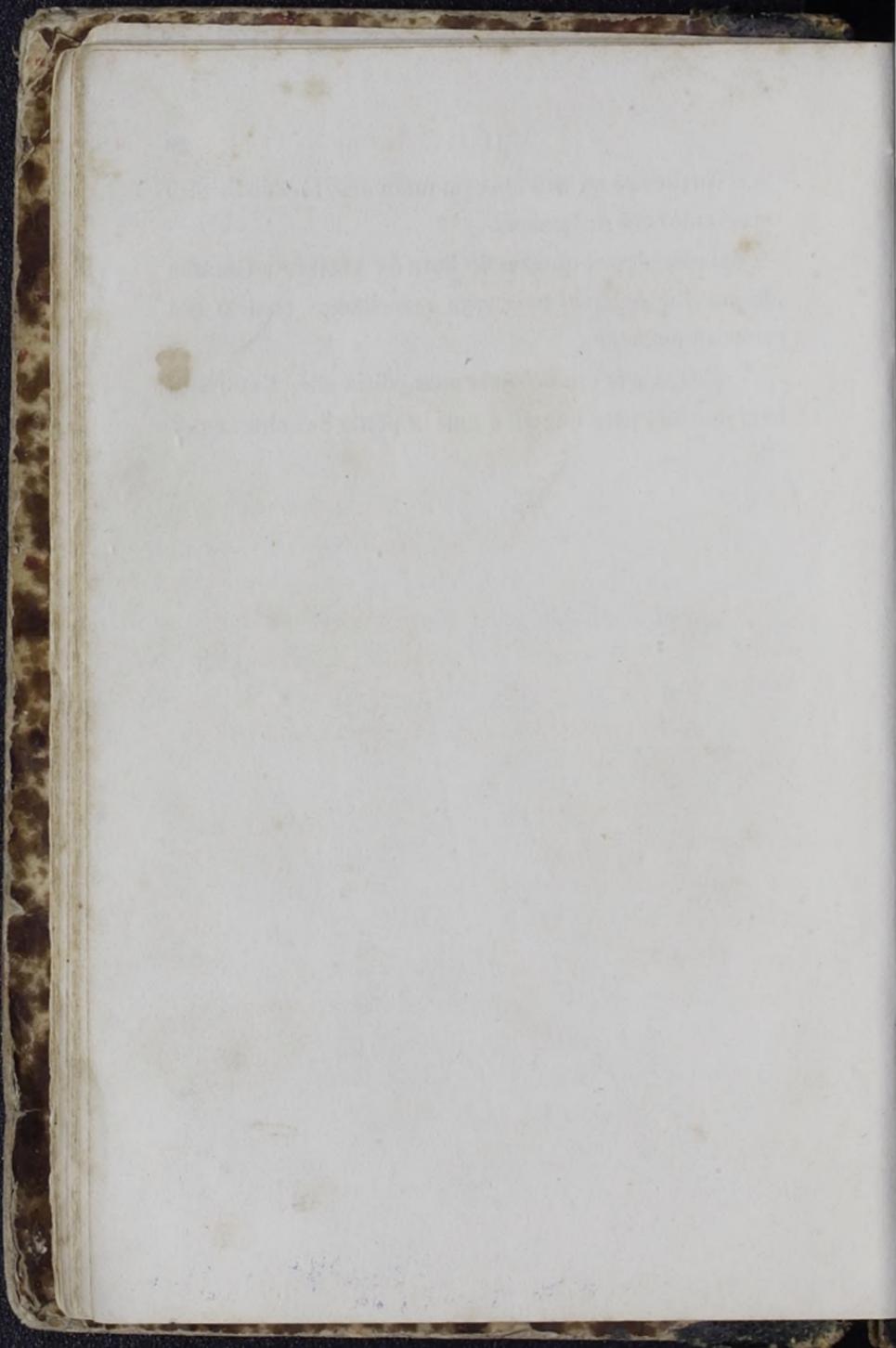
Ha pelo mundo mulheres que vingam assim todas as outras. A commediante aceitou para sempre este papel na vida privada. No theatro representava qualquer papel que lhe dessem. Costumava dizer:

— No theatro represento com mulheres, fóra do theatro represento com os homens.

Concedia alguns quartos de hora de ventura a Gontran porque lhe achava uma vaga semelhança com o seu primeiro amante.

— Mas já não é a mesma cousa, dizia ella, Gontran e bom de mais para que eu o ame a ponto de chorar por elle.

---



## III

## UM PAE ROMANO

Gontran Staller entrou em casa pensando no bouquet de Lucia e nos duzentos e cincoenta seis mil francos que 'inha de pagar no mesmo dia.

O pae de Gontran tinha-se levantado ás cinco horas da manhã.

Tinha de partir pelo primeiro trem para Beauvais, onde sustentava um processo que o inquietava, processo de reivindicação de uma floresta: tinha pago antes do fim do prazo legal a um homem honesto, mais o tal homem honesto tinha filhos, e o conselho de familia apresentava-se a ameaçal-o com os seus direitos absolutos. O homem que recebera o dinheiro estava contrariadissimo com o facto, mas tivera tambem de pagar, e a sua fortuna pessoal já não chegava para dar de comer á justiça.

Porque emfim a justiça precisa comer: a mais recta de todas as mulheres é a que come mais.

Gontran dirigiu-se ao gabinete do pae, porque elle sabia que elle tinha de partir. Abrio a porta e quiz fallar ; mas não soube como começar.

O pae tinha-se voltado ; embora o quarto estivesse mal illuminado por um candelabro de dous braços, viu a pallidez do filho.

— Que tens tu, Gontran ?

— Nada, meu pae. Nada.

Gontran calou-se.

Tremiam-lhe as pernas, fervia-lhe o sangue no cerebro.

— Meu filho, tu fazes mal em te deitares tão tarde. Ceia, dansa, diverte-te, porque tens vinte annos, mas dorme à noite. Só os gatos dormem de dia ; ora, não me consta que os gatos façam cousa que preste.

— Meu pae tem razão, mas bem sabe que á noite nunca se vê que horas são.

— Pois é mal feito. Eu, por exemplo, se não tivesse visto a hora, não estaria prompto para partir. E se perdesse o trem, perderia o processo ; porque, toma bem nota n'isto : os bons advogados são aquelles que se servem das ideias dos seus clientes. Adeus meu filho. Tu vaeste teitar á hora em que eu me levanto : não tomes esse costume.

O pae inclinou-se para beijar o filho.

— Estás doente ? disse vendo o de mais perto.

— Não meu pae.

Houve um silencio. O pae interrogou o filho com o olhar, o filho não sabia como confessar-se : via já a doce e grave figura do sr. Staller tornar-se sombria e dolorosa ; sabia quanto o pae estava inquieto por causa d'esse processo consideravel ; dizer-lhe o que perdera ao jogo não seria dar-lhe por companheiro de viagem o desalento, não seria perturbal-o em sua defeza ? E no entanto era indispensavel pagar antes da volta do pae !

A tragedia do jogo tem a unidade do tempo : a divida deve ser paga no mesmo dia, porque o ultimo lance perde-se sempre depois da meia noite.

O pae abraçou o filho.

— Adeus ! abraça por mim tua irmã, eu não quiz acordal-a. Se receberes um despacho esta noite, é signal que eu ganhei o processo, a menos que não adiem a sentença por oito dias. Naturalmente não lhes mandarei despacho para dar-lhes uma noticia desagradavel.

— Uma noticia desagradavel ! murmurou Gontran, tenho eu uma para lhe dar.

É do embate das palavras que muitas vezes brotam as ideias ; quando as acções não geram as ideias, são as ideias que geram as acções.

Esta phrase : « noticia [desagradavel] » tinha decidido Gontran a fallar.

— Uma noticia desagradavel ! falla, disse-lhe o pae.

— Eu... joguei...

— Jogaste ? pobre creança !

O pae apertou a mão do filho.

— E foi a primeira vez?

— Foi meu pae.

— Bem. Ah! tem a minha chave. A chave da minha caixa.

Gontran respirou.

— Meu pae, eu perdi muito.

— Scio! pois não tens ah! a chave?

Gontran atirou-se aos braços do pae e desatou a soluçar.

— Escuta, disse sr. Staller. Quero-te muito para te pregar moral. Mas não esqueças isto: ha uma gravura de Alberto Dure que representa os peccados mortaes. Sabes quantos são?

— Sete, disse Gontran sem saber bem que respondia.

— São oito, porque Alberto Dure gravou um mais terrivel que todos os outros, é o JOGO.

---

## IV

## NOITE DE FEBRE, DIA DE FEBRE

Gontram pediu ao pae como um favor que o deixasse acompanhar até a estação.

Fallaram de politica, fallaram de agricultura, não disseram mais uma palavra a respeito de jogo.

Gontran sentia-se tão feliz que quiz ir contar a sua felicidade a Lucia.

Mas teria ella ido para casa?

Disse ao cocheiro que o levasse á rua de Helder ; ficava-lhe quasi em caminho.

Olhou para as janellas, não viu luz.

— É que estão ainda jogando e dansando, disse elle.

E mandou tocar para casa de Rocha Tarpeia.

Apenas restavam no campo de batalha os mortos e os feridos. Tinham todos prestado suas contas ao Deve e Haver do jogo e do amor. Gontran procurou com os olhos antes de interrogar; não viu Lucia.

Interrogou.

— A tua amiguinha, disse-lhe a Rosemont, bateu a linda plumagem com um passaro estrangeiro.

Foi uma punhalada para Gontran.

— Isto não póde ser, disse elle, tenho certeza de encontrar-a em casa.

Os apaixonados escondem as trações de suas amantes, com o mesmo zelo com que lhes velariam as espadas ou o seio.

Tornou a passar pela rua de Helder. Ainda não havia luz. Começava a amehecer. Tocou e subiu á casa da comediante.

Tocou, tocou, ninguem respondeu. Tornou a descer furioso e contrariado.

— É odioso! disse elle. Quando penso que ella levou para casa de outro aquelle bouquet que me custou tão caro! Quando penso que tudo quanto soffro não chega, não direi já a seu coração, mas pelo menos a seu espirito!

Gontran Staller entrou para o carro dizendo comsigo que estava farto de jogo e farto de amor. Prometteu a si mesmo nunca mais se deixar prender ao inferno das cartas e das mulheres.

O cocheiro, cansado de fazer tantos zig-zags, esperava que lhe dissessem para onde devia ir.

— Para casa! bradou Gontran.

Mas apenas o cavallo recomeçou o trote matinal, isto é, o trote rapido, Gontran mudou de opinião.

— Para o bosque de Boulogne.

Lembrava-se que aquellas mulheres, depois de prolongadas festas nocturnas, costumavam ir beber leite no Prado Catelan, a pretexto de ver despontar a aurora, porque guardavam alguns dos costumes da idade de ouro. Se gostam tanto de bouquets, é por amor de natureza ; as perolas e os diamantes representam as lagrimas que a madrugada chora sobre as rosas e a relva ; só falta um Virgilio para estas bucolicas do seculo XIX.

E se Gontran encontrasse o amante com o tal estrangeiro ? Tirar-lh'o-ia. Quando se leva a loucura a ponto de pagar por ùm bouquet duzentos e cincoenta e seis mil francos, bem se podia leval-a ao ponto de bater-se em duelo.

E para dar forças aos proprios olhos a baixaza de procurar ainda uma mulher tão indigna do seu coração, dizia :

— Eu não vou a procura de Lucia, vou buscar o meu bouquet.

Pouca gente sabe o que é o bosque de Bolonha ao nascer do sol, nos dias de inverno ; não se ouve o solo do rouxinol, nem o duo das toutinegras, nem o trinar dos merlos. Romeu namorado é um varredor que acompanha Julietta varredeira sob os pinheiros, unicas arvores mysteriosas em estação das neves. De vez em quando passa

uma carroagem com as cortinas corridas; não prescuremos a vida privada : trem de passeio, passo a passo ; é um homem serio que se julga ditoso. Passa um carro a toda ; é uma cortezan que ao sahir de uma ceia, julgou não dever ir para casa deitar-se de manhã tão cedo. Vae com ella um amante meio adormecido que ella não conhece; hão de conhecer-se ; e logo que se conheçam irá cada um para seu lado. Quem vem lá ! Um homem a pé que traz uma corda na mão e procura uma arvore ; mas, quantas vezes vae e volta sem achar arvore que lhe convenha ? Outro vae interrogar a agua do lago : acha-a muito fria. O bosque é muito alegre de manhã.

No entretanto Gontran Staller percorria-o como um desesperado. Parou no prado Cantelon ; encontrou duas cortezans desimanadas que achavam o leite amargo ; tinham sido abandonadas no Arco do Triumpho por dous americanos casados que, mais por attenção aos criados que ás esposas, queriam chegar á casa antes de amanhecer.

— Gostam muito de leite ? disse-lhes Gontran.

— Não, respondeu uma d'ellas, mas esta noite perdemos tudo, inclusive a honra : não temos com que ir almoçar a Madrid, porque já nos não dão cousa alguma a credito.

— Alguma das mulheres com quem estivemos hontem foi almoçar a Madrid ?

— Foi a sua amante, com a Torre-Toma-Cautela e a Trinta e Seis Virtudes.

— Sós?

— Ora essa! Foi cada uma com um homem.

Gontran Stailer julgou que seria melhor entrar em Madrid com duas mulheres.

— Se querem, disse elle, vamos almoçar a Madrid.

As duas mulheres atiraram-se aos braços d'elle.

Em Madrid fizeram uma entrada de estrondo.

As tres actrizes chegaram ao mesmo tempo á janella.

— Gontran! exclamaram ellas. E com mulheres?

Embora Lucia se recolhesse precipitadamente Gontran tinha tido tempo de ver que ella estava com o bouquet na mão.

— Subam, gritou Trinta e Seis Virtudes, o que chega para seis tambem chega para nove.

— Nós pouco comemos, disse uma de suas companheiras.

— Vou subir! disse entre dentes Gontran, ardendo em colera e ciúmes.

Subio; as duas mulheres acompanharam-o.

Lucia estava ao piano.

— Está ensaiando o seu papel? disse-lhe elle com voz glacial.

— Estou, respondeu ella, bem sabes que tenho de cantar algumas arias.

— Pois agora, em vez de cantar, desça e venha comigo.

— Era o que faltava. Não está máo despertador.

Gontran deitou as mãos a Lucia, levantou-a e carregou-a.

Ella gritou.

Ouvindo o grito da innocencia, o estrangeiro, que tinha vindo com ella, poz-se em frente de Gontran.

— Senhor, prohibo-lhe que toque n'esta mulher.

O apaixonado Gontran estava fóra de si; tomou o bouquet e deu com elle no rosto do estrangeiro.

As mulheres que ainda estão com fome, gostam de accommodar tudo. Deu-se então um espectaculo tocante; atiraram-se todas entre os seus rivaes, affagando-os com as mãos, com palavras e com olhares. Lucia distribuia as mãos, uma ao estrangeiro, outra ao amante. Mas era tarde.

O estrangeiro queria vingar-se da bofetada, Gontran Staller queria matar o rival. Como não havia na occasião mais de duas testemunhas, decidiram bater-se no dia seguinte em um jardim do Parc des Princes.

— E agora, vamos almoçar disse o estrangeiro.

— Adeus! disse Gontran, comprimentando todos.

Pensava elle que d'esta vez Lucia o acompanharia; porém ella contentou-se em dizer-lhe adeus com um

arzinho de pouco caso. Dominou-o de novo a covardia e caminhou para Lucia.

Ella teve medo de uma scena sentimental, e deitou vinho no copo.

— Adeus ! disse ella por sua vez.

Elle sahio.

Creio que se elle tivesse uma corda no bolso acharia que qualquer arvore do bosque de Bolonha servia para o enforcar.

N'essas crises da mocidade, o homem que se não matar, chora.

Gontran chorou.

— Eu amava-a tanto, disse elle.

O que é mais triste, é que elle amava-a ainda.

---



## V

## DINHEIRO AO AMOR

Embora Gontran Staller estivesse de todo entregue a Lucia e ao duello, não se esquecia da sua divida de jogo.

Quando chegou a casa, antes de acertar as mãos para o duello, entrou no gabinete do pae com o vago receio de achar em moeda os duzentos e sessenta mil francos. Elle sabia que o pae, que por vezes se ausentava, ao sahir de Paris deixava sempre uma lettra de cem mil francos sobre o banco, para que sua mulher não se achasse, em qualquer circumstancia, desprevenida. Abrio a caixa, a que se dava em casa o nome de armario das joias; não era a horrivel burra de ferro bronzeada capaz de fazer perder a gente o gosto do dinheiro; a d'elle era coberta de ebano trabalhado no estylo grego, com garras de leão de prata. A fechadura era de se-

gredo, mas Gontran e sua mãe sabiam o segredo. Quando abriu a porta, seus olhos deram de frente no rosto do pae. Era uma photographia que alli estava e que em qualquer outra occasião não lhe teria dado na vista; pegou n'ella, beijou-a, poz-se á janella para a ver melhor.

Tinha-se habituado desde menino a considerar o pae como um semblante severo que escondia o coração; sentio em presença d'elle não sei que muito de respeito e de temor, parecia-lhe que o pae olhava-o com uma consciencia rispida que tem sempre alguma cousa a censurar. Muitos filhos são assim, têm medo dos paes e não ousam desarmal-os pela expansão. É porque os não conhecem. Receiam facilmente d'essa magistratura toda bondade e indulgencia que perdoa sempre. Imaginam que esse tribunal de primeira instancia e appellação é instituido por Deus para não fazer senti-la: ora, se um pae é injusto, é porque nunca condemna.

A photographia do sr. Staller foi para o filho uma revelação. Achou-lhe uma expressão de bondade profunda que nunca lhe virá até então.

E não pode esquivar-se a dizer:

— Em quem pensaria meu pae?

Ora! pensava no filho. Julgava-o bonito, intelligente, dotado das virtudes masculas da familia, capaz de usar sem ostentação, mas não sem orgulho, o nome de Staller que já era um patrimonio. A nobreza não descende toda das Cruzadas. A familia Staller perdeu dous dos seus

membros nas grandes batalhas de 1793, quando a patria estava em perigo, dous delles morreram como spartanos, Um Staller arroteou umas terras infecundas, hoje cobertas de messe; um outro fundou uma das melhores colonias africanas. Os Stallers não mereciam ser condecorados como aquelle personagem de comedia, por terem feito fortuna para si, mas bem o mereciam todos por terem feito a fortuna publica.

Mr. Staller, ultimo do nome antes de seu filho, podia dizer como Montesquieu: « Eu sou um bom cidadão, mas sel-o-hia do mesmo modo em qualquer outro paiz, porque não gostei nunca de fazer fortuna por meio da côrte, tratei de fazel-a aproveitando as minhas terras para receber a fortuna directamente das mãos de Deus. »

Gontran voltou ao armario das joias; achou na gaveta a famosa letra do Banco que era realmente de cem mil francos, achou outros cem mil em bilhetes de cinco mil francos, e mais nada, a não ser algumas moedas de ouro e mais alguns poucos mil francos, que Gontran logo viu que não chegavam á conta de que precisava.

Que fazia elle, que era tão orgulhoso?

Resignou-se a levar só os duzentos mil francos. No fim de contas, já era uma boa parte; sem duvida o credor esperaria de boa vontade os cincoenta e seis mil francos; talvez mesmo se contentasse com uma letra a longo prazo que permittisse ao filho não pedir mais dinheiro ae pae.

Era meio dia quando Gontran levou o dinheiro ao banqueiro. Achou-o na cama.

— É a primeira vez, disse este, que recebo dinheiro a dormir.

— Só lhe trago duzentos mil francos.

— Eu sou bom rapaz, por estes dias me trará o resto.

— Eu tencionava pedir-lhe alguma espera maior.

— Meu caro, o senhor bem sabe que dinheiro de jogo é dinheiro á vista; e eu tenho perdido muito este inverno.

Gontran bem sabia que aquelle homem faltava á verdade. O banqueiro queria jogar na praça com aquelle dinheiro: precisava até do ultimo bilhete de mil francos, até do ultimo soldado para a batalha. Gontran não pôde reprimir o orgulho.

— Pois bem, senhor, hoje mesmo receberá os seus cincoenta e seis mil francos.

O banqueiro dignou-se convidar Gontran para almoçar com elle; este recusou com altivez. A insistencia do banqueiro:

— Tenho um duello, disse, vou á casa das minhas testemunhas.

— Oh! mas eu quero ser uma de suas testemunhas.

Gontran deixou cahir sobre o banqueiro seu olhar glacial.

— Obaigado, disse, por amor de seus cincoenta e seis mil francos, o Dubos oppor-se-hia ao combate.

Cumprimentou e sahiu sem voltar a cabeça, apezar da insistencia do banqueiro.

Foi ao boulevard Malesherbes, á casa do Conde d'Aspremont, a primeira espada de Paris. Como o Conde era muito bravo, fez-lhe ver que era absurdo bater-se por semelhante habuzeiras.

— Estás então deveras apaixonado por essa peste? Ah! se fosse a irmã!

Gontran amava muito a comediante para a não defender apezar de tudo.

— Não é tão má assim.

É como todas as mulheres! Quando lhes sóbe á cabeça o vinho de champagne, não sabe mais o que faz.

— Accredito que ella sabe sempre o que faz. Acceditante para ella o papel de cachorinho que se lhe arrastava aos pés, e ella póde fazer-te ir a quatro até o fim do mundo.

Gontran pensou de si para si a verdade, mostrou-a e confessou seu amigo.

Gontran è d'Aspremont conheciam-se da sala d'armas. Embora o conde pertencesse á alta mocidade, tinha-se afeiçoado a Gontran, que era recebido com reservas na sociedade d'esses senhores. Como tinha espirito, muita distincção e muito mais dinheiro, perdoavam ás mulhere<sup>s</sup>

que o convidassem para as suas festas. D'Aspremont que, entre os outros defeitos, tinha-o de prezar, fallou n'esse dia fraternalmente a Gontran provou-lhe que ningaem tem o direito de dar a mulheres taes a melhor parte do coroaço e da vida. Mas Gontran, cego de paixão, perguntou ao conde se se chamava Fiberge.

— Serei Fiberge, se quizeres. Mas, olha não sejas tu Des Grioux!

Almoçaram depois de escrever duas linhas á segunda testemunha, um jornalista, convidando-a a vir ao boulevard Malesherbes.

As testemunhas e o adversario, a quem Gontran já tinha dado o nome das suas, escreveram-lhes pedindo que o duello tivesse lugar no dia seguinte duas horas mais tarde, porque o polaco, que estava bebado como um polaco, não poderia fazer boa figura de manhã tão cedo.

---

## VI

## UMA MENINA PARA CASAR

Gontran só voltou á casa á hora do jantar, depois de ter ido, quasi sem o confessar a si mesmo, bater á porta de Lucia, que ainda estava ausente.

Fez as maiores caricias á mãe e á irmã. Devera acompanhal-as á noite aos Campos-Elysios, á casa da condessa de Launoy, que dava um concerto.

Gontran só gostava de musica nos bastidores dos Bouffes-Parisienses, mas enfim, já que a sua heldade não cantava essa noite, elle resignou-se a ouvir cantar as outras.

Durante o jantar, percebeu, embora muito preocupado pela paixão, e pelo duello, e pela divida de jogo, que a mãe e a irmã olhavam para elle, fallavam baixo e riam. Elle não as comprehendia; interrogou-as; porém ellas calaram-se.

Á sobremesa, no entanto, interrogando-as elle pela decima vez, a mãe respondeu-lhe :

— Repara bem esta noite. Entre as sete ou oito raparigas que hão de cantar ou ouvir cantar em casa da condessa, ha uma que está apaixonado por ti.

— Apaixonada por mim ?

Se Lucia o amava tão pouco, a elle que a adorava, como podia outra, que elle provavelmente mal tinha visto, amal-o ?

— Sim, apaixonada por ti ; meu caro. Mas as raparigas bem educadas calam o menos que sentem. Procura bem e has de dizer-me se descobriste.

Vestiram-se e foram para os Campos-Elyseos.

Já de ha muito o amante da actriz recusava frequentar a sociedade ; achava isso aborrecido, e dizia que todas as raparigas, que formam o esquadrão volante da virtude parisiense, não são mais que meninas de collegio que é preciso desasnar, bonecas que fallam, mas só dizem papae e mamãe. Não sabia que ha n'ellas verdadeiras descobertas por fazer, thesouros imprevistos para quem ousar procural-os. É a historia das montanhas de ouro ; na superficie, tem sempre o mesmo aspecto, mas ao que penetra até o centro, revela-se a mina.

Quando elles entraram, já tinha começado o concerto. Estava uma menina ao piano.

— Não é aquella, disse Gontran á irmã.

— Porque ?

— Porque uma mulher que toca tão bem piano só tem amor á bulha que faz.

Depois de um solo sobre motivos da *Somnambula*, houve um duo de piano e harpa. Uma outra mocinha chegou ás teclas de marfim, fez correr sobre ellas duas mãos enormes, verdadeiras aranhas, vergando a cabeça ao peso da cabelleira com ares de salgueiro-chorão.

— Será aquella? disse a irmã.

— Não, aquella toca para os ausentes.

A menina que se tinha sentado junto á harpa era muito formosa com seu penteado a Tallieu, braços rollicos e corados, e espaduas sumptuosas. Era talvez um pouco amasona demais.

Era Mlle. de Marcy, amiga da duqueza de Montefalcone.

Sua mãe, senhora romanesca que durante muito tempo residira na Italia, tinha vindo viver em Paris com a filha depois da morte do marido.

— É aquella, disse a irmã.

— Aquella! exclamou Gontran; Deus me defenda, para um homem só é muito. Olha que opulencia de carnadura!

Não sei se a tal menina estava apaixonada, o que sei é que pegou na harpa com amor. Era um bello espectáculo vel-a mover os pés e as mãos como se a inspiração a enlevasse. O brilho dos olhos illuminava-lhe o rosto com esplendor desusado. Tinha um vestide de cam-

braieta como os thermidoriannas ; esse vestido que mal cobria o collo, estava preso ás espaduas apenas por dous dedos de fazenda. A cada movimento do braça nú, parecia que o braço, mais nú ainda, ia romper a cambraia. O seio agitava-se e tremia.

Gontran Staller contemplava com emoção os pés calçados de setim branco que tocavam o pedal com uma faceirice adoravel ; eram pés inteligentes como as mãos ; duvidava a gente que aquelle corpo robusto se firmava em tão lindos pésinhos. Todo o corpo se desenhava com os movimentos que ella fazia ao tocar. A harpatrahia-lhe as formas das pernas, conchegando-lhes o vestido. Era uma linda harpa com cabeça de cysne dourada e esmalhada, do mais puro estylo Luiz XVI. Vibrava, fallava, tinha alma. A cabeça de cysne fazia lembrar a fabula de Jupiter e Léda.

— Não a achas bonita ? disse Mlle. Staller olhando para o irmão.

— Acho-a bonita, mas não é aquella a mulher que está apaixonada por mim. Pois tu não vês como ella adora a harpa ? É assustador.

Chegou a vez das cantoras.

Veuu uma rapariga que olha de olhos baixos, que algaraviou italiano com não sei que musica ; a mãe tinha-lhe preparado o triumpho annunciando que a filha tomava licções a vinte francos.

— Esta, disse Gontran, ainda não foi desmamada.

Não serei eu quem vá beber a ultima gota de leite que ella tem nos labios.

Uma cantora de romances fez admirar a boa voz e os bons sentimentos de que dispunha.

— Descobri ! disse de repente Gontran ; é - aquella menina qua está ahi sosinha no sofá ; não canta, não toca, parece-me muito mais eloquente que as outras todas. É principalmente nas mulheres que o silencio vale ouro.

— Então, queres que te apresente á bella solitaria !

— Não, porque seria capaz de fallar e perder todo o encanto.

— Meu irmão, tu és um doido, não se pode fazer de ti cousa que preste. E demais, previno-te que ainda não descobriste.

Nesse momento passava por elles a tocadora de harpa que hia buscar a musica. Gontran levantou-se como se o fizesse insensivelmente e disse-lhe que pela primeira vez em sua vida comprehendera a harpa.

— Pois está mais adiantada do que era ? Minha mãe atormenta-me com aquelle instrumento tão fóra de moda a pretexto de ter a mãe della maravilhado Napoleão, que só gostava de duas especies de musica, a harpa, e principalmente, as peças de artilharia.

— Mas, minha senhora, como consegue então tocar com tanto sentimento ?

Uma emoção subita passou pelo rosto della.

— Dizem-me todos isso hoje ; não sei que responder, a não ser que lhes diga que toco pensando em outra cousa.

Uma faisca electrica passou pela alma de Gontran como um relampago.

— É esta !

Desta vez, enfim, tinha descoberto.

— Que felicidade, pensava elle, se eu me apaixonasse seriamente ! Sabiria ainda com vida desta paixão morta que me prende aos braços de Lucia.

A harpista sentara-se ao lado de Mlle. Staller. Elle arrastou uma cadeira para defronte do divan ; pareceu-lhe doce passar meia hora nesse duo, porque sua irmã e elle eram um só. Como estava sobrecitado por todas as febres, foi eloquente, fallou de tudo com a voz carinhosa que a tudo communica o amor. Mlle. de Marcy achava que aquillo é que era a verdadeira musica. O concerto continuava, mas ella só ouvia a voz de Gontran Staller.

Mlle. Clotilde de Marcy era uma das cincoenta raparigas dotadas de ouro e belleza, por quem os rapazes solteiros arriscam toda a casta de steeple-chases. Tocava harpa, é verdade, mas isso enfim não era um defeito capital : ella bem podia corrigir-se d'elle. Tinha uma constituição um pouco á amazona, mas Gontran lembrou-se do *chapellino vermelho* : minha avó, para que tens braços tão compridos ? É para te abraçar melhor, meu

netinho ». Embora elle fosse sentimental, tinha bastante espirito, o que era uma pitadinha de sal a temperar o sentimento. É assim a verdadeira Parisiense.

Gontran Staller esqueceu as horas. A dona da casa veio dizer-lhe que a ceia estava na meza e que elle dêsse o braço a Mlle. de Marçy. Elle levantou-se como se despertasse de um sonho.

— Já duas horas ! diziam perto d'elle.

— Duas heras ! exclamou Gontran.

Em vez de dar o braço a Mlle. de Marçy, deu o braço ao chapéo e desapareceu no meio da confusão do ataque á ceia.

A imagem de Lucia tinha-lhe voltado ao espirito mais imperiosa que nunca.

Quando chegou á escada, lembrou-se de que talvez a não achasse mais em casa.

— Se eu tivesse coração, disse, voltaria lá para cima.

Não voltou, porque tinha coração de mais.

---



## VII

## LUCIA CHORA

Na rua do Helder, em casa de Lucia, tudo dormia. Gontran bateu tres vezes á porta da rua. Escapou de quebrar a cabeça na escada, impaciente por chegar depressa. Bateu tambem tres vezes á porta della; a criada meia despida, veio abrir.

— Está ahí? disse elle.

— Eu mesma já não sei, a senhora entrou e sahiu tantas vezes! Parece que o vinho em Madrid é bom porque a senhora vio tudo pelo dobro; deu-me um luiz e disse-me: «Toma lá dois luizes.» Tambem me disse que os seus dous apaixonados iam bater-se em duello., Ao deitar, recitou dous papeis ao mesmo tempo.

Gontran não dava mais ouvidos á creada, já estava no quarto da actriz.

Lucia dormia profundamente com quatro velas acce

sas. Quiz fazer uma illuminação ao entrar. Para a gente despir-se, precisa ver bem. Por isso, havia uma botina em cima da cama, outra em cima do sofá, uma liga no fogão, uma meia em cima do relógio. O vestido manchado de café, estava no tapete. Os cabellos tinham-se transformado em garfos. Fora isso, tudo o mais estava em perfeita ordem.

O apaixonado passou com respeito por sobre o vestido manchado e amarrotado.

Chegou-se á cama e contemplou o dormir da naufraga da orgia.

Estava meia descoberta, arrostando o frio com uma camisinha de Irlanda capaz de passar por qualquer dos anneis que ella tinha no dedo.

Aquella mulher vivia em um luxo desenfreado ; devia a todo o mundo, não tinha roupa branca nos armarios, mas tinha cavallos na estrebaria, e serviço de prata com a sua firma, e vestidos de todas as cores, sem contar que podia vestir-se dos pés á cabeça só com as contas que tinha em casa por pagar. Em uma palavra, vivia na desordem elegante, que é a ruina em meio da abundancia.

O quarto de dormir era forrado de damasco azul, com cortinas azues e um tecto azul em que Ziem pintara uma andorinha para dar felicidade á casa. No meio do quarto, uma cama azul ; era tudo azul no quarto de Lucia ; o azul é a patria dos anjos : Lucia era um anjo.

Um anjo, mas um anjo de Deus parecia velar sobre aquella perdida; era um retrato de Colombina, irmã de Lucia, pendurado entre a cama e o fogão. Lucia zombava, é verdade, de Colombina, mas respeitava-a e considerava-o como um talisman. O ouro é a força bruta, a virtude é a força divina.

Gontran inclinou-se para beijar a comediante. Ella entre abriu os olhos azues e disse-lhe com o ar mais azul do mundo :

— Ah! és tu!

— Pensavas que era algum outro?

A comediante passou a mão pelos olhos como para despertar as ideias.

— Algum outro? pois sim! Dorme em cima de uma mesa na Maison d'Or, entre uma garrafa de aguardente e uma garrafa de vinho de Champagne; mas tranquillisate, as duas garrafas estão vãsias; portanto o teu duello não me dá cuidado.

Gontran sentou-se na cama e pegou na mão da amante.

— Durante o duello não será por elle que accenderás uma vella?

— Por elle! eu já o não conheço.

Gontran arriscou esta pergunta com o coração dorido:

— E porque o conhecestes tu?

— Porque? Es tu porventura que me fazes as despedas de casa?

— Cala-te! bradou elle enfurecido. Pois na mesma

hora em que eu perco duzentos e cincoenta e seis mil francos para resgatar o teu bouquet, atiras-te nos braços de outro homem para equilibrar o teu livro de cosinha?

— Não tinha pensado n'isso, disse ingenuamente Lucia, ou antes parecia que a ocasião não era propria para te pedir dinheiro.

— Olha! eu tenho pena de ti, porque se soubesses o que estás dizendo, eu partia-te a cabeça. Pois na hora em que eu soffro um desastre no jogo, quando procuro um coração que me console, tu vibras-me uma punha-iada ao peito para acabar de matar-me?

— Tu vieste aqui para me entristecer?

— Não, eu vim porque te amo?

— E eu, não te amo?

— Tu ousas dizel-o depois de um dia de traição?

— N'estas festas nocturnas, é a gente por ventura senhora de si?

— Não, porque se é escrava dos outros.

— É para fazer-me d'estes cumprimentos que me acordaste? Tu sabes que eu tenho amanhã uma primeira representação.

— E tu não sabes que eu tenho amanhã um duello? se não fosse isso não teria vindo.

— Não entendo.

— Pois não entendes que eu vim para dizer-te adeus?

A actriz despertou do torpor em que estava. Seu

amante podia ser morto; levantou-se para apertal-ó nos braços.

— Eu não quero que te batas.

— Ora vamos, bem sabes que isso não póde ser.

— E tambem porque foste tu a Madrid com aquellas duas mulheres?

— Com duas mulheres! Eu nem as conheço. Bem sabes que se fui a Madrid, foi para arrancar-te á tua propria infamia.

E Gontran Staller arremessou Lucia contra o travesseiro.

— Devias então ter-me dito desde o principio que querias uma Lucrecia! Quando eu enganava o duque de Montefalcone por amor de ti, não eras tu dramatico!

Gontran sondava cada vez mais a sua dôr. Não ousava interrogar Lucia, mas queria saber o que se tinha passado depois da bofetada dada com o bouquet.

— Pois tu não deixaste aquelle homem depois que eu o esbofetei?

— Não! porque elle não merecia uma bofetada por me ter offerecido o coração.

— O coração! queres dizer a bolsa?

— Antes querias que fosse uma questão de coração do que um negocio de dinheiro?

— Cala-te! Era uma questão de prazer, porque nunca me farás crer que pensavas nos arranjos de tua casa no

meio d'aquelle baile. Enganaste-me por habito e por desfastio. Eu tinha perdido, para nada mais servia, atiraste-te aos braços do primeiro homem que se te offereceu. É uma infamia!

— Meu caro, isso tudo é do repertorio do *Ambigu*: eu cá represento nos *Bouffes-Parisiens*; se queres continuar o fogoso papel de Castellano, vae fazel-o a outra parte.

O desgraçado ainda não sabia tudo. Embora se envergonhava da sua covardia, não poude dominal-a.

— Pois, passaram o dia inteiro em Madrid entregues ás delicias do amor?

E Gontran frisou dolorosamente a palavra — amor —

— Quem disse isso? nós viemos para Paris.

— Para Paris, mas para onde?

— Isso não é da sua conta.

Gontran Staller ergueu a fronte com um que de dignidade.

— Causas-me horror! Se esse homem veiu a tua casa, não tornarei a ver-te.

Seria um recurso de comediante ou um grito de arrependimento? Lucia desatou a soluçar e mostrou ao amante o celeberrimo bouquet que estava em cima da cama.

Provavelmente o bouquet estava ali por acaso. Mas sem duvida Gontran imaginou que ella o tivesse debaixo

do travesseiro, porque voltou para ella enternecido, dizendo-lhe:

— Então amas-me ainda?

— Se te amo!

A comediante, em completo desalinho, levantou-se e foi correr o ferrolho da porta do quarto.

Não o fez por mal, mas sim por lembrar-se que o estrangeiro devia vir dizer-lhe adeus antes do duello.

Por mais que se sentisse feliz por estar fechado com Lucia, Gontran teve um vago desejo de se ir embora. Era a alma d'elle que abria as azas. Via á mesa da ceia da condessa de Lannoy os rostos queridos de sua mãe e de sua irmã. Mlle. de Marcy tambem lhe apparecia aos olhos do espirito com a bella e risonha expressão de sua mocidade e de sua virtude.

Em todos os actos da vida lutam o corpo e a alma. Nós somos como o viajante das lendas allemães, que tem, para puxar-lhe o carro, o cavallo negro de um demonio e o cavallo branco de um anjo; não consegue nunca cortar-lhes o passo; quando um se modera, toma o outro o freio nos dentes, até o momento em que o cavallo do demonio arroja o viajante a um precipicio: a bocca do inferno ou ao coração de uma mulher.

Lucia era um lindo precipicio com seus olhos grandes e profundos como o mar, com seus cabellos em desordem e o seu sorriso lascivo. Tinha em si o demonio.

Era alternadamente folgasona, travessa, colerica, mas

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"

Lençóis Paulista - SP

sempre faceira ; queria que todos a amassem ; e para isso era faceira até á crueldade. Seu supremo gozo, era ver chorar. Feria corações sentindo n'isso o prazer intimo que sente o ciumento que dá uma punhalada. Ferindo, parecia-lhe ferir um inimigo.

É que Lucia começara a vida pela humilhação e pelo amor trahido.

De tempos a tempos encontrava Eugenio Deschamps. Estendia-lhe a mão fingindo indiferença, mas empaldecia e soffria recordando o passado.

---

## VIII

## A CHEVA DE OURO

Quando o dia começou a despontar, Gontran disse adeus a Lucia.

— Não te deixes matar, eu morreria de pesar.

— Jura-me que se eu for morto não tornarás a ver esse Locinsky que eu eshofeteei.

— Se tu morreres, far-me-hei enterrar contigo.

Gontran, enternecido por estas palavras, ou pelo pe-  
rigo que ia correr, teve uma expressão de sentimento.

— Olha, disse, morreria contente, porque tornei a achar-te tal qual te amava. Lembra-te pois um pouco do que soffri hontem. Depois d'aquelle jogo absurdo, vinha eu aqui para contar-te o que fizera a bondade de meu pai, vinha confundir com o teu o meu coração e não te achei.

— É que eu tambem soffria. Que queres? Eu quando

tenho vontade de chorar, canto ou danso. Lociusky valsa como um allemão que é ; é maravilhoso. Quem valsa uma noite inteira, não tem vontade de dormir, e ahí está porque fomos ao Bosque.

— Não fallemos mais n'isso.

— E o que me não havia deixar dormir era lembrar-me da tua loucura. Quando eu penso que tu perdeste em meia hora dinheiro que chegava para me enriquecer !

— Hade haver mais.

— Pois sim ! hade haver mais. Mas o que eu te affianço é que o sr. Eugenio Marx não hade levar para o céu os teus duzentos e cincoenta e seis mil francos. Já lhe escrevi, vem jantar comigo.

Gontran atirou em cima da cama a mão de Lucia.

— Pois tu escreveste a esse bruto ?

Tinha-lhe voltado toda a indignação.

— Acho-te engraçado. Eu aproveito o que acho. Foi por attenção a ti que esta noite não sahi com elle porque elle achara muito natural ter ganho tudo. «O que tem, dizia-me elle, eu restitui-lhe o bouquet. »

— Essas abominaveis rosas murchas e profanadas ! disse Gontran.

E atirou-as ao chão e pisou-as.

Lucia, vendo-o, disse-lhe com a maior calma do mundo :

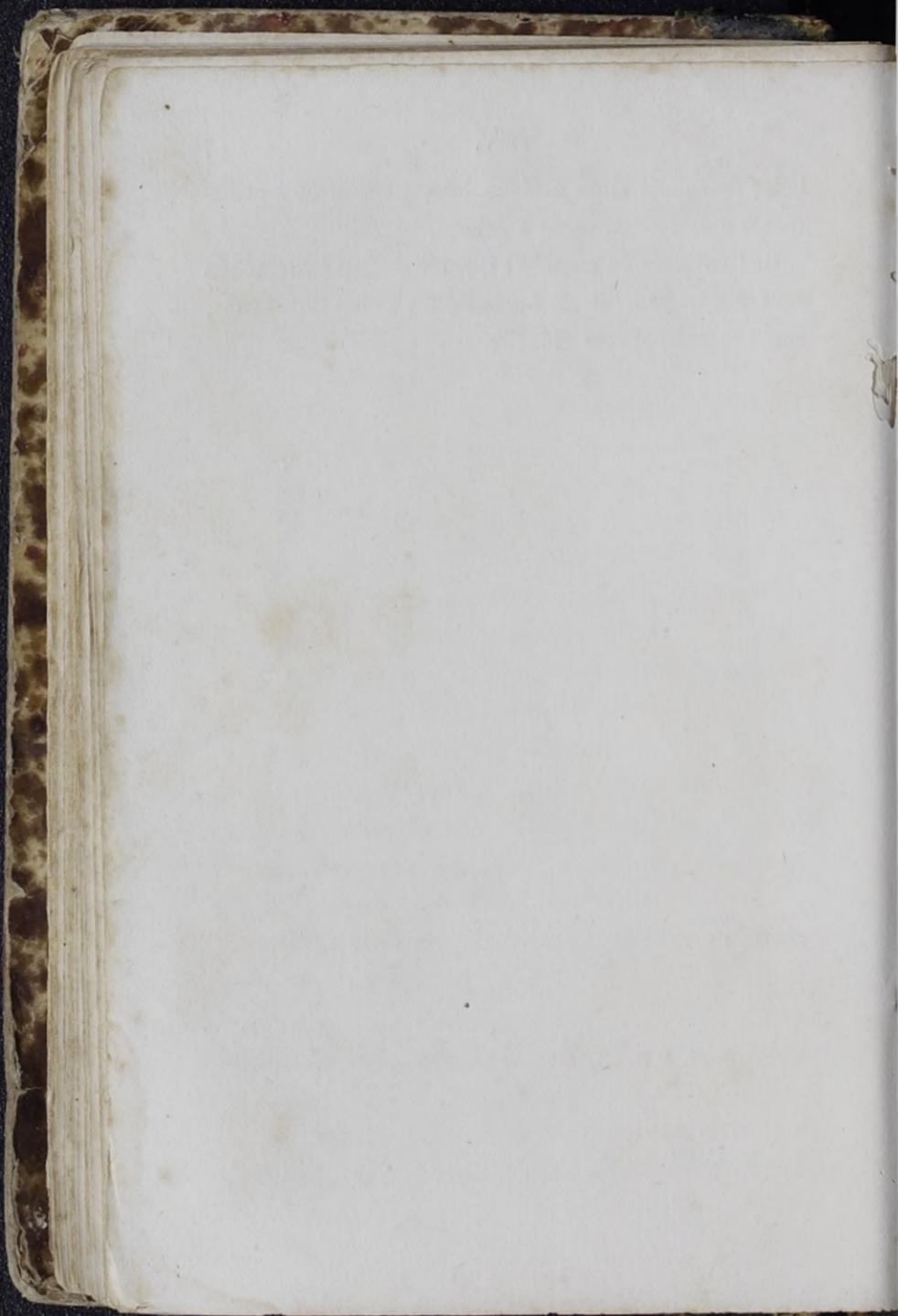
— Obrigada, era a unica cousa que me restava.

Gontran teve vergonha de Lucia e de si. Tirou do

bolso do collete vinte e cinco luizes, atirou-os á comediante e sahiu sem voltar a cabeça.

Oh! covardia do coração! Quando chegou á rua, olhou para cima. Não sei se Lucia estava a contar os luizes, mas não tinha aberto a janella.

---



## IX

## A FAMÍLIA

Quando Gontran chegou ao Parc des Princes para bater-se era outra vez homem. Pegou na espada, dizendo comsigo :

— Se eu morrer, tanto melhor ; se viver, melhor ainda. Mas juro á face de Deus não voltar áquelle inferno.

Os rivaes sahiram ambos feridos. Gontran foi apenas tocado no braço ; o conde polaco foi mais gravemente ferido ; a espada do adversario entrou-lhe no flanco.

Quando Gontran chegou a casa, com o braço ao peito, achou a mãe a chorar.

— Não é nada, disse-lhe elle, foi apenas uma arranhadura.

— Como ! mais uma desgraça ? disse a mãe.

A pobre senhora chorava porque o marido tinha chegado doente, tendo perdido o processo.

Estava escripto : as aves agoueiradas tinham pousado sobre aquella casa.

Goutran quiz consolar a mãe antes de ir abraçar o pai.

— Minha mãe, juro-te que nunca mais te darei um desgosto; perdoa-me todas as minhas loucuras. Socega, rompi de uma vez com o meu viver á moda.

Mr. Staller tinha assistido stoicamente a todo aquelle processo que podia abalar-lhe consideravelmente a fortuna. Ouviu a sentença sem pestanejar, mas ao entrar na hospedaria, foi acommettido por uma congestão. Voltou a si, mas não recuperou as forças; e voltou immediatamente a Paris.

Foi um desespero para a mãe e para a filha vel-o entrar nos braços dos criados pallido e desfeito como se tivesse soffrido uma longa molestia.

— Não digas a teu pai que te batestes, disse a mãe. Eu lhe direi que cahiste hontem, quando nos foste acompanhar, a casa da condessa de Lannoy. Vai já abraçar o e não lhe digas que eu estou chorando.

Goutran sentiu uma grande magua. Parecia-lhe que fora elle quem descarregara o primeiro golpe sobre o pae.

Apenas o abraçou desatou a soluçar.

— Não estou tão doente assim, disse Mr. Staller. Tu sabes que a morte avisa tres vezes; este é o primeiro aviso. Se eu tiver juizo, ainda posso viver tres annos.

Mr. Staller não morreu desta vez, mas sim não tornou a

ser o que era. A seiva não poude mais espalhar-se por aquella organização nodosa e robusta como o carvalho das montanhas.

O sopro da morte cortara as folhas, a paralyisia atacou os ramos mais virentes. Horrivel prefacio do tumulo!

O homem só dispõe da metade de seu ser, as hypothecas da morte enlaçam e arruinam o resto.

Era a hora do almoço, foram tristemente para a mesa; no entanto fallaram a respeito da reunião da vespera.

— Agora é que comprehendo, disse Mlle. Staller ao irmão, porque motivo deixaste o companhia de Mlle de Marcy á hora da ceia; foi por causa do duello!

— É verdade, foi por causa do duello.

Gontran lembrou-se de Lucia, mas repilliu logo do espirito a imagem d'ella.

— Divertiste-te muito? perguntou á irmã?

— Ora! tu sabes que eu sempre me divirto a custa dos adoradores do dinheiro que me andam sempre a colla. Desde que se disse que papá me dá um milhão, botam-se me debaixo dos pés os apaixonados. Mas, infelizmente para mim, sim só me diverte o espirito,

— Comprehendo, tu preferias divertir o coração. Mas no fim de contas, o ser rica não é uma razão para não ser amada.

— E demais, disse tristemente a mãe que era uma senhora de espirito, se se corrige a gente muitas vezes do defeito da mocidade, acontece tambem ás vezes corrigir-

nos a sorte do defeito da riqueza. Onde irá teu pae agora buscar o milhão que tencionava dar-te?

— O criado annunciou n'esse momento um moço de recados que trazia uma carta, mas não a queria entregar sem recibo.

— É talvez a fortuna que volta, disse Gontran tentando sorrir.— Será alguma carta segura?— Traz-m'a.

O criado voltou trazendo a carta em uma bandeja de prata. Gontran assignou um recibo. Reconheceu a letra de Lucia.

Mlle. Staller, lia no rosto do irmão, não ousou interrogal-o, mas a mãe disse-lhe bruscamente :

— O que é isso?

Gontran tinha uma alma recta e nada familiar a mentira; foi com esforço que elle respondeu :

— Não é nada, minha mãe; é uma carta de um amigo que perdeu no jogo.

— Pois tu jogas?

Esta pergunta fez voltar ao espirito de Gontran todas as angustias da noite anterior.

— Oh! meu Deus, e eu que me esquecia dos cincoenta e seis mil francos.

A primeira mentira levou-o naturalmente á segunda; respondeu a mãe :

— Não, minha mãe, não costumo jogar.

— Mme. Staller andava ha tempos muito inquieta com as ausencias de filho. Mesmo quando elle estava ao lado

della, via-se bem que o filho já não pertencia a mãe; julgava esta que alguma mulher lhe roubava o espirito e o coração d'elle.

Não se enganava ella imaginando que vinha n'aquella carta o segredo d'esse amor. Mas porque razão trazia a carta dinheiro?

— Mostras-me essa carta, Gontran?

— Que queres tu vêr aqui? Loucuras da mocidade!

— Então não é uma divida de jogo

— Para que iniciar-te n'estas cousas? Ha aqui uma historia que te não posso contar, porque o segredo não me pertence.

— Está bom, disse a mãe; ainda mesmo que fosse teu o segredo, eu nada tenho que vêr com isso. Lê tua carta para ti só.

O proprio Gontran não advinhava porque motivo a carta trazia ouro, mas não quiz abril-a na presença da mãe e da irmã, mettem-a no bolso como se o perfume que ella exhalava envenenasse o santuario da familia.

Estava afflicto por subir para seu quarto. Quando se achou só, rasgou os cinco sellos, porque Lucia tinha-se divertido— ella diverte-se sempre— a pôr cinco sellos, como se a carta devesse ir para o correio.

Quaes eram as armas de Lucia? Venus sahindo das ondas. Ella carimbava as cartas com uma pedra antiga; tinha aprendido antiguidade nas operas de Offenbach.

Vinte e cinco luizes cahiram na mão de Gontran:

nada mais continha a carta. Rasgou o envelope, olhou bem nem uma palavra.

Em fim comprehendeu. Eram os vinte e cinco luizes que elle tinha atirado a Lucia para significar-lhe o seu desprezo.

— Se ao menos, disse elle, eu podesse pagar com isto os cincoenta e seis mil francos!

A seu pezar pensou na comediante; sentiu alguma alegria em reconhecer que ainda não estava tudo perdido n'aquelle coração perverso. Tinha-a revoltado o desprezo d'elle. Reenviando-lhe o dinheiro com o silencio, re adquiriria alguma dignidade em meio de sua infamia.

Elle cahiu pouco a pouco n'esse sentimentalismo doentio em que o homem se compraz em reerguer mulheres cahidas.

Não lhe parecia impossivel que com um pouco de boa vontade se descobrisse ainda alguma virtude n'aquella alma enbotada, como se vê ás vezes reflectir-se uma nesga de céu em torrentes impuras.

Sahiu, sem saber bem para onde ia. Por um pouco, passava pela rua do Helder. É verdade que tinha de ir perto, á rua da Victoria, a casa de um de seus amigos, — amigo de charutos e bastidores —, que vivia com luxo fazendo negocios pouco limpos.

— Preciso que me descubras sessenta mil francos em menos de uma hora, disse-lhe elle.

— Ah! meu caro, a Praça não anda boa; venho de lá, faz medo. Sessenta mil francos não se arranjam assim.

— Aceitarei letras.

— Olha que te hão de levar uns juros que te hão de custar caro.

— Não regateio.

— Pois bem! vamos a casa de Marvan; elle diz que não quer mais fazer negocios d'estes, mas talvez a tua firma o decida.

Foram a casa do banqueiro Marvan, um banqueiro que dizia que o dinheiro não tem tarifa legal. Discutiram durante uma hora; elle dizia que não tinha dinheiro nenhum, que o dinheiro estava muito caro, que seria obrigado mais dia menos dia a deixar de negociar, e outras que taes desculpas de homem de dinheiro.

No fim de contas, decidiu-se a dar sessenta mil francos accitando Gontran letras a um anno no valor de cem mil. Um anno, para Gontran, era o fim do mundo, assignou sem emoção, promettendo já a si mesmo deixar cahir cincoenta e seis mil francos do alto do seu orgulho nas mãos de Eugenio Marx.

Assim que recebeu o dinheiro, sahiu sem continuar a conversa a respeito das nuvens negras do horisonte financeiro. Continuou-a o amigo com o banqueiro.

Disse:

— Q uanto me toca?

— Um aperto de mão.

- Tem graça!
- Eu arrisco o meu capital!
- E os quarenta mil francos de juros?
- É como uma operação na praça.
- Pois sim! e se eu fosse corrector!
- Terias oito por cento.
- Ora, deixa-te d'isso.
- Dar-t'os-hei d'aqui a um anno, quando Gontran pagar.
- D'aqui a um anno! Tu bem sabes que eu não faço negocios a prazo.
- Pois bem! dou-te a minha amante, é dinheiro á vista.
- Tua amante, ha muito que a transferi.  
E outras graças em estylo de Praça.
-

## X

## A VIDA INTIMA

Entremos, se o consente o leitor, em casa de Lucia.

Vendo cahir os vinte e cinco luizes de Gontran, ella não poude dominar a colera. Levantou-se como uma furia e apanhou-os para por sua vez atiral-os ao amante. Isso produziria na escada uma bella musica, porém como ella quiz apanhal-os todos, quando acabou de o fazer reconheceu que já era tarde. Lembrou-se de atiral-os pela janella, porém estava tão mal vestida! — e ella tinha o pudor do frio — pois convem não esquecer que esses factos deram-se em janeiro.

— Elle não perde por esperar, disse ella, heide mandar-lh'os a casa com uma carta que o hade fazer mor-der-se de raiva. Heide escrever-lhe que o seu adversario está aqui comigo, heide mandar-lhe dizer que vou hoje ceiar com Eugenio Marx, e que elle nunca mais hade pôr os pés em minha casa.

Porque motivo Lucia não escreveu? É que dispu-  
nha de bastante maldade—e bastante espirito,— para  
comprender que o silencio é a eloquencia mais cruel.

Durante o duello, o que se passaria n'aquelle coração  
insaciavel?

Não pensava que ella estava inquieta pelo amante de  
ha dous dias ou pelo amante da vespera. Sentia ao con-  
trario um certo prazer em dizer comsigo :

— Elles batem-se por minha causa, só por mim. E  
porque não haviam elles ou outros bater-se por mim?

E mirava-se em um espelhinho que tinha sempre em  
baixo do travesseiro.

Chamou a criada.

— Logo que apparecerem os jornaes da noite, com-  
pre-m'os todos.

Acreditava que todos os jornaes da noite haviam de  
dar noticia do duello. E o universo inteiro saber que  
dous homens se tinham batido por amor d'ella.

Mas... se os jornaes calassem o nome d'ella?

Escreveu a um chronista da moda :

« Meu amigo,

« Estou desesperada! A esta hora estão dous homens  
a bater-se por meus lindos olhos. Fiz tudo o que poude  
para impedir esse duello, mas o conde Lociuski e Gontran  
Staller a nada attenderam. Não dê noticia d'esse duello.

« Lucia. »

Lucia tinha certeza de que o melhor meio para fazer o chronista dar noticia do duello era pedir-lhe que não fallasse n'elle.

Escreveu a outro, por ter mais certeza de dar brado :

« Quando me lembra que me alcunharam Girasol! Será porque todos os homens giram em torno de mim? Por mais que deite agua ao sol, por mais que me refugie no seio da minha arte, vejo-me cercada de apaixonados que se degolam mutuamente a pretexto de que eu os não amo. As commediantes são bem dignas de lastima! Representam a comedia e dão lugar á tragedia. Se der noticia do duello de Gontran Staller com o conde Lociuski, diga que a culpa foi do meu bouquet e não minha.

« Lucia. »

« P. S.— Não vá publicar agora a minha carta! Oh sempiterno indiscreto. »

E logo que Lucia acabou de dispor assim as suas bacteriasinhas, estendeu-se mollemente na cama para dormir ainda algumas horas. Pobre criança! depois de tantas emoções e tantas angustias!

Quando acordou, correu para o ensaio, dizendo a todos:

— Estou desesperada! Receio cantar, porque estão a matar-se por minha causa.

Já todos sabiam a historia do duello.

— Não te afflijas, disse-lhe uma de suas amigas, estes senhores batem-se sempre porque nunca se matam.

Ella começou a ensaiar a sua grande aria.

— Oh! está hoje com voz, fuisse-lhe Offenback, nunca a ouvi cantar tão bem!

No fim do ensaio, soube como se tinham batido os dois e como se tinham ferido no Parc des Princes. Fez pasmar a gente da sua roda esta phrase sublime:

— Só isso?

E accrescentou de si para si.

— Querem ver que os jornaes não dão a noticia.

## XI.

## AS LOUCURAS D'UMA CADEIRA D'ORCHESTRA.

Quando Lucia chegou a casa, ficou surprehendida por não achar uma palavra de Gontran. Ella contava que a colera ou o amor o obrigassem a escrever.

Consolou-se um pouco lendo uma carta do conde polaco.

Minha querida.

« Eis-me amarrado á cama porque a amei uma hora ; não me concederá cinco minutos de consolação ?

Ainda não subiram a escada do Hotel de Lille e Albion uns pesinhos tão bonitos como os seus. »

— Não vou disse Lucia.

E logo arrependendo-se :

— E porque não hei de ir, já que Gontran não veio ?

Mas, n'esse dia ella estava toda entregue ao seu papel

e a seu amante anonymo que se chama o Publico. É de todos o amante mais serio das comediantes, porque é a elle que ellas sacrificam todos os outros, embora sejam comediantes da força de Lucia.

Apezar de se não deixar morrer peiava ás emoções que nascem do coração, n'esse dia Lucia estava sobreexcitada; quando entrou em scena, acharam-n'a mais formosa que de ordinario. Dir-se-hia que a paixão animava-lhe o rosto.

Nos outros dias, cantava como uma louca, cantou n'esse dia com mais vida, não era ainda a alma nem a paixão, nem o genio, mas era a exaltação da febre. Os criticos da orchestra e da galeria começaram a dizer uns aos outros :

— Alli ha alguma cousa.

— É o duello, disse de repente um d'elles.

— Ora, o duello! retorquiu um philosopho dos bastidores, bem se vê que a não conhecem; o que ella ama, não é o amante que teve, é o amante que ha de ter.

Na orchestra, uma cadeira que costumava estar sempre occupada, mesmo quando não havia ninguem na sala, de balde estendeu os braços durante o primeiro acto ao espectador ausente; o que fazia Lucia dizer :

— Elle não vem.

A obra prima em que ella representava era em dous actos.

No intervallo, logo que acabou de mudar de roupa. veio espiar pelo buraco do panno.

— Não vem, tornou ella a dizer.

Mas no segundo acto, quando ella entrou em scena, o espectador lá estava. Os olhos d'elles encontraram-se.

De facto, o infeliz Gontran tinha vindo de braço ao peito, com o coração cheio de magoa, com o espirito repleto de indignação, não contra ella, mas contra si proprio.

Depois do jantar, a pretexto de fumar, tinha sahido. Sem querer desviou-se do boulevard pela rua de Choiseul; como fazia frio, foi pela passagem. Porque não havia elle de passeiar? Viu entrar e sahir os espectadores dos Bouffes.

Olhou mau grado seu para o cartaz. Vinte vezes disse de si para si:

— Ella está em scena; está se vestindo; está se despindo; está deitando branco e carmim; está gritando com a criada e com o cabelleireiro; está ensaiando a voz; está nos bastidores á espera da *deixa*.

Passava e tornava a passar.

Depois do primeiro acto, ouvira as conversas dos que desciam para tomar fresco durante o intervallo.

— Lucia fez successo!

— De hoje em diante Lucia será conhecida por Phrynéa.

— Sabes que Lucia cantou divinamente?

— O que tu queres dizer é que ella é deveras bonita.

— Não, o que eu quero dizer é que aquella velhaca é capaz de tudo, até de chegar, com a voz que tem, a ter um dia cincoenta mil francos de renda.

— Então tu estas apaixonado por ella?

— O que eu queria saber é quem é que não está apaixonado por ella.

Gontran, fóra de si, entrou para os Bouffes-Parisienses.

Estava assim com uns ares de doudo; passou pelos amigos sem os reconhecer. O acto ia começar, elle correu para a sua cadeira.

Só quem tem tido amores no theatro sabe como uma amante se transfigura em scena; o homem que ama uma actriz ama duas mulheres. A comediante fóra do theatro é como um passaro a andar; em scena é o passaro a voar e a cantar. A luz da rampa accentúa e tempera a belleza das mulheres: dá-lhe ao rosto o vivo esplendor corregiano e o brando sombreado prudhonesco. Os astros logos e os sonhadores prenunciam planetas na temperatura mais elevada em que a noite e o somno não tem razão de ser; o theatro é a realisação dessa estrella prophetisada: lá o coração bate com mais violencia, vive-se duas vezes, as paixões exaltam-se, chocam-se quebram-se; o bastidor é uma peça fantastica que causa vestigios aos mais ajuizados.

Logo que Gontran viu apparecer, com todo o brilho o triumpho, Lucia, vestida de arcluideusa do Olympo, isto

é, com uma nudez mal velada recahiú na loucura e confessou á propria consciencia que a sua vida estava alli.

Como as bebados que tendo feito abstinencia e chegando a taça aos labios não tem mais forças para resistir a embriaguez, elle precipitou-se de novo ao seu mortal amor. É verdade que Lucia acabou de fascinal-o com um olhar incendiario capaz de deitar fogo aos quatro cantos da sala.

Porém elle julgou que isso não bastava, porque, tendo sahido de scena durante dous minutos, pediu papel e lap's para escrever o seguinte:

Ao sr. Gontran Staller.

Cadeira da orchestra nº 22.

« Como eu me sinto feliz por ver-te na noite do meu triumpho! Teu braço ferido toca-me o coração! Vem! vem! vem! Eu te darei meus dous braços.

« *Tua Lucia* »

Dito e feito. D'ali a cinco minutos, Gontran voltava aos infernaes bastidores onde julgava achar o paraíso.

A archideusa do Olympo abraçou-o com frenesi.

— Ah! és tu! Como estou contente! Ha um seculo que te não vejo!

Em meio d'esta expansão, Lucia não pôde deixar de sorrir vendo que tinha coberto de branco o seu adorado. Atiron-lhe o lenço ao rosto.

— Toma, Sultão ! Limpate. Isso são signaes de amor ao theatro. Espera-me, tenho apenas de atravessar a scena, ha mutação á vista.

Gontran beijava o lenço, feliz porque outra vez respirava o perfume que ha tanto lhe perturbava o cerebro. Elle estava do lado do pateo, e foi encontrar Lucia do lado do jardim. Ahi teve de acotovellar alguns apaixonados que a esperavam. Ninguem pensava que o amante official viesse essa noite. Mas logo que a viram fallar lhe com uma emoção até ahi desconhecida, deixaram o campo livre.

Ella dizia « meu Gontran, » como M<sup>me</sup>. Dowal dizia, « meu Didier, » como M<sup>me</sup>. Stolz dizia, « meu Fernando. »

Lucia tornou a entrar em scena para o final. Foi uma chuva de bouquets : os lilazes brancos cahiam-lhe aos pés como flocos de neve. Carregou um braçado d'elles, convencida de que os devia ao amor da arte e não a arte do amor. Chamaram-n'a á scena. Gontran olhou para ella quando ella appareceu ao publico, apertando ao seio com volupia e perplexidade as floresinhas alvas.

— Ah ! disse elle, se o meu amigo Marchal pudesse retratal-a assim !

a  
P  
S  
Era no tempo em que Carlos Marchal, que se tinha por demais *atsaciado* com a sua predilecção pelas raparigas solidas plantadas em plena natureza, queria provar aos pedantes que era capaz de fazer tão bem como elles

« antigos ». Demonstrou maliciosamente que a mulher é sempre a mesma em todos os seculos, seja qual fôr a roupa que vestir. Por isso pintou aquellas duas obras primas : *Penelope* e *Phrynéa*. Elle conhecia perfectamente Lucia. Tinha-a visto no seu quarto de vestir, tratando-las garrasinhas, do cabello, dos olhos e dos signaes de belleza. Em um modelo perfeito para uma *Phrynéa*.

Depois de um triumpho no papel de *Phrynéa*, Lucia levou Gontran para o camarim ; elle estava como em um sonho, sem ao menos presentir que teria de despertar outra vez.

Bateram á porta do camarim, mas Lucia, que era sempre tão accessivel, não attendeu a um só dos adoradores que desejavam beijar-lhe a mão.

Por essa noite Gontran era o seu amante.

Foram para casa a pé, de braço dado, como os estudantes e as costureiras.

Não disseram uma palavra que não fallasse de venturas. Mas, ao chegar á rua do Helder, Lucia disse suspirando : « Ora aqui está uma rua bem fôra da moda para uma mulher como eu ! »

— Tu é que a has de pôr em moda. D'aqui a cem annos, quando fôr demolida a casa, hão de dizer : Aqui morou Lucia.

Estavam em frente da casa.

— D'aqui a cem annos ! Mas esta casa já é uma ruina. Olha só para esta fachada.

— Tens razão, precisa que se lhe ponha um pouco de pó de arroz. Mas isto não quer dizer nada, olha, a felicidade não mora em palacios.

— Pois sim, mas confesso-te que fico triste todas as vezes que entro em casa. Por mais que tenha enfeitado o meu ninho, bem vejo que a arvore está núa, esta casa já pertence aos mochos.

Contran beijou Lucia no meio da rua.

— Ora vamos! não faças chorar os teus bouquets.

N'esse momento, o carro, que os acompanhava com a criada, parou á porta. Subiram com a risonha messe, Lucia cantou na escada a sua grande aria para acordar todos os moradores da casa, porque queria que todos fossem felizes com o seu triumpho.

— Scio! olha que te põem na rua.

— É justamente por isso que eu canto, não quero mais ficar aqui; quero ir morar nos Campos Elysios como a Patti. Quero ter um carrinho como a Barucci.

— Pois bem! não fallemos mais n'isso, dar-te-hei um edem nos Campos Elysios.

— Sim? Olha, a felicidade precisa andar bem vestida e bem acomodada. A felicidade sem diamantes, é cousa triste.

Os diamantes foram agua na fervura.

— Olha, disse Contran que ficára pensativo, que eu não me encarrego de ir ás Indias buscar pedras para o

teu jardim. E de mais que má figura faz hoje quem anda sem diamantes!

— Essa é bem lembrada, meu amigo. Muito te affliges, resta-me convocar uma chamada de meus accionistas, não ha de faltar quem não tenha medo de ir até á India. Ha alguns que tem conta corrente com Mojava, e outros que são capazes de ir ao céo despregar estrellas para mim.

Naturalmente, depois do seu triumpho, Lucia estava em um sonho dos *mil e uma Noites*. Gontran estava ao mesmo tempo sobre o dominio do encanto e do pasmo; ella fazia-o caminhar sobre flores, mas elle entrevia o abysmo.

Perdoem-me esta imagem que está fóra da moda desde o tempo de Homero.

A belleza de Lucia era muito discutida e prestava-se muito á discussão. Visto de face e de perfil não se lhe podia negar nem a graça do oval, nem harmonia das linhas. Via-se que o momento era muito pronunciado; mas, a esse respeito, ella nunca esquecia de dizer entre os criticos, que era em um dos signaes de belleza em antiguidade, e mostrava para provar medalhas e camapheus.

Fundava-se nisso para chasquear das mulheres de queixo resumido. Mas por uma das graças, vista de *tres quartos*, perdia muito, porque tinha as maçans do rosto um pouco sallientes e as faces um tanto coradas.

O meuto, que dava firmeza ao perfil, era accentuado de mais vista de *tres quartos*. Por isso Lucia escolhia sempre bem a posição quando se fazia pintar ou photographar; evitava tambem mostrar-se de *tres quartos* quando estava em presença de um namorado que pretendia conquistar. Tinha de mais a mais a arte de dar ao rosto um ar encantador pela graça felina do sorriso, sorria com os olhos, sorria com os dentes. Embora morena, gabava-se de ter olhos azues, mas era o azul do mar: se mostrava os dentes, é porque a bocca entre aberta ficava-lhe bem, porque a disposição dos dentes d'ella não era perfeita, os caninos sahiam um pouco da linha com mais pelosos que os outros. Assim, quando Lucia dizia, rindo, em suas travessuras internas: « Cuidado, devoro-os com uma dentada só, » olhava-se com um vago receio para os seus dentes caninos.

Mas Lucia tinha além de tudo as seducções da verdadeira parisiense que desafiava as criticos, seducções irresistiveis, seducções de espirito, seducções inesperadas. Nunca a pilhavam desprevenida. Vestida, era irresistivel, — mais irresistivel ainda com um simples penteador. Arrastava-se como a serpente, a não ser nos momentos de colera em que fuzillava como o raio. Mas dispunha da sciencia das lagrimas para obter o perdão, — que digo eu? para perdoar.

---

## XII

## UM PASSEIO

Gontran sahiu dos braços de Lucia para ir ver o pae. Tinha promettido á mãe voltar para casa dentro de uma hora, e já lá liam tres.

Que lhe diria ella? porque de certo ia achal-a volando á cabeceira do enfermo querido?

Staller estava melhor.

— Eu vou bem, disse elle ao filho. Isto é uma fortuna para todos, porque agora me lembro que não terás um minuto a perder para manter a hypotheca do milhão que emprestei ao conde d'Etang. Agora que os credores cahem-lhe sobre a fortuna, é preciso tomar cuidado com este milhão. Queira Deus que os contratos estejam em ordem! Parto amanhã de manhan.

— É impossivel.

— A necessidade hade acaba de curar-me. Se eu não poder ir, irás tu.

— Pode contar commigo. Irei no trem das oito horas.

Não ha quem não conheça de perto ou de longe o conde d'Étang, amigo do duque de Morny, de Roqueplan, de Daru, de todos enfim que viviam á grande ha vinte annos.

Não era um jogador, era o jogador typo. Esta curiosa physionomia estava a fazer falta na galeria de Regnard, que tambem era um pouco jogador que jogou a propria vida contra o amor, um homem depois que teria jogado sem pestanejar a gloria em uma cartada.

O conde d'Étang jogou tudo e tudo perdeu, até a honra. Jogou a estrebaria, jogou as matilhas, jogou a amante, jogou o castello: um castello real construido por Henrique segundo, jogou enfim a morte depois de ter jogado a vida.

Jogou e perdeu a sua ultima pistola, a que elle chamava o seu ultimo amigo, uma joia que causaria desejos a Benvenuto Cellini de matar-se ou matar alguém; e por isso viu-se obrigado a morrer como qualquer pobre diabo.

Mas não é minha intenção contar aqui a sua historia. Elle possuirá no seu hom tempo quatro castellos em torno de Paris, nos quatro pontos cardeaes. Chamava isso jogar os quatro cantos.

Do lado do norte, um seu vizinho de campo Mr. Staller. Tinham-se conhecido á caça. Um dia o conde

d'Etang á queima-roupa pediu ao visinho um milhão, mas Staller não sabia que elle era jogador. Não se dá assim um milhão; mas justamente Staller, que tinha enriquecido rapidamente em 1852 quando appareceu o papel-moeda, estava morrendo por poder retirar o dinheiro que tinha na Praça.

— Um milhão! respondeu elle ao vizinho, e quando precisa d'elle?

— Quando quizer, basta-me o tempo preciso para hypothecar-lhe este castello e as terras em que estamos caçando.

Foi dito e feito.

O conde d'Etang jogou o milhão e foi bater a outras portas, até que se sepultou sob sua ruina.

O castello e as terras foram vendidos. Tinha muitos credores, que não chegaram a um accordo; Staller mantinha a hypotheca por um milhão: ora eis o que aconteceu:

O tabellião do lugar, que lhe servio de mordomo, morreu; succedeu-lhe um trapalhão que se esqueceu de reformar a hypotheca. Foi Staller o primeiro que deu por esse esquecimento; felizmente só se tinha perdido alguns dias.

Por conseguinte Gontran devia partir pelo primeiro trem para ir a toda pressa a Beauvais encontrar-se com o tabellião e o advogado, para que se não perdesse nem mais uma hera.

É aqui que se revela o mau juizo da familia Staller. Gontran separou-se do pae ás tres horas, dizendo que partiria no trem das oito. Dormio até as seis. Tinha ainda uma hora diante de si quando disse adeus ao pae. Mas passou pela rua de Helder.

Lucia estava dormindo, foi preciso acordal-a.

— Adeus, disse elle.

— Onde vás?

— Vou a tres horas de distancia de Paris, a um lugar que tu não conheces.

Lucia saltou fôra da cama.

— Eu quero ir contigo.

Gontran não conseguiu privar-se da linda companheira de viagem: Lucia agarrou-se a elle; teve d'esperar. Perderam o trem.

Quando chegaram a Beauvais, o cartorio das hypothecas estava fechado.

Inda não estava tudo perdido. Mas era preciso que no dia seguinte se levantassem de manhã cedo: depois de tal viagem, tres horas de caminho de ferro, depois de passar uma noite agitada no theatro de Beauvais, tendo d'ahi ido ceiar com uma actriz e um jornalista que encontraram lá, aconteceu que só accordaram ao meio dia.

Lucia não queria almoçar sósinha. No entanto Gontran teve a coragem precisa para arrancar-se dos seus braços e correu á casa do advogado indicado.

Foram ao cartorio; duas horas antes ainda seria tempo,

tinham-se tomado outras inscrições, o milhão estava perdido.

— Que quer que lhe faça, respondeu o conservador a Gontran, não é depois que as hypothecas estão vencidas ha mais de oito dias que se vem pedir noticias d'ellas. E demais eu pensava que Mr. Staller já tinha recebido o seu milhão.

— Não é ainda a ultima palavra da questão, disse o advogado, vamos protestar contra as novas inscrições para provar a nullidade d'ellas.

— Meu caro senhor, disse o conservador, creio que perde o seu tempo, porque n'este caso é que se pôde dizer: o que está inscripto está inscripto.

Gontran estava pasmo. Não podia comprehender que se perdesse um milhão por ter acordado duas horas mais tarde.

— Por quem é, disse elle ao advogado, eu não pensei que isto fosse tão serio, não diga a meu pai que eu só o procurei ao meio dia.

Quando Gontran voltou ao hotel, disse a Lucia:

— Isto é para quebrar a cabeça! cheguei duas horas mais tarde, perdi um milhão.

— Um milhão! exclamou Lucia, devias ter-m'o dado!

Foram as unicas palavras de consolação que lhe dirigiu a comediante.

— Tu nunca me amaste, disse-lhe elle com colera.

— De que modo queres que eu te ame? disse Lucia com surpresa de uma ingenua.

Lucia amava um pouco Gontran, mas assim pelo ar, sem perder tempo. Já não sentia as violencias da paixão que lhe tinha inspirado o primeiro amante. Dizia que já tinha soffrido as penas da cruz, o fel e o vinagre, todas as flagellações do ciume. Julgava não tornar a cahir sob o dominio cruel d'aquelle encanto incisivo. Tinham-lhe torturado o coração. Ella desafiava a qualquer a atiral-a de novo áquellas angustias. E no entanto o recordar-se d'ellas era-lhe ainda deliciosa volupia. Com Gontran, o caso era diverso. Gostava de o ver, porque elle era bonito. Tinha vaidade em andar pelo braço d'elle porque elle era bravo. Ouvia-o com curiosidade contar as alegres historias da sociedade elegante. Mas sentia que o que havia entre elle e ella era uma cadeia de flores que se partiria á primeira aventura sem lhe rasgar as mãos, porque os espinhos estavam do lado d'elle.

Gontran amava-alouco, apaixonado, desesperadamente, ella amava-o por distracção, por vaidade, por fantasia um verdadeiro amor de depois da ceia.

---

## XIII

## O TESTAMENTO

Chegando a Paris, Gontran achou a casa de pernas para o ar. Ricard e Cabarrus, os medicos dos dois polos, tinham sido chamados ao mesmo tempo; entendiam-se um com outro porque o espirito domina a sciencia. Tambem lá estavam Piogey e Papulin, que completavam o numero cabalístico em medicina.

Staller tinha recalhido; correram a cidade inteira para achar medicos. Ora sabe-se que á noite achar medicos é uma fortuna, quando não é uma desgraça. Tinham procurado Gontran nos circulos em que costumava ir, tinham-n'o tambem procurado nos Italianos onde havia espectaculo de gala, não se tinham esquecido de ir aos Bouffes-Parisiens, mas em parte alguma o encontraram.

— Teu pai perguntou por ti diversas vezes, disse Mme. Staller ao filho sem reprehendel-o.

Logo que os medicos se afastaram depois de ter dado ao doente a agua benta da faculdade, Gontran aproximou-se do pai pegou-lhe na mão e beijou-a em silencio.

— Meu pai, perdoe-me.

— Perdôo-te, disse o pai. Não se passa impunemente a mocidade; eu tambem tive horas de loucura. Mas meu coração salvou-me, é o que te hade acontecer. Escuta-me bem.

O doente bebeu um golle de vinho. Os quatro medicos, á força de sciencia, tinham appellado para a natureza; receitaram vinho do Castello d'Yquen como o cordial para reanimar o espirito e o corpo.

Staller fallou assim ao filho :

— Eu vou morrer. Ha doentes a quem não é possivel enganar. A morte não me aterra, porque eu creio em Deus. Vou ter com meu pai e minha mãe. Vou esperar por minha mulher e meus filhos. Deus quiz que eu tivesse força bastante para resignar-me a esta separação.

Staller não queria enternecer-se, mas vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Apertou a mão do filho :

— Espero que comprehenderás o teu dever. Amanhã serás tu o chefe da familia, tu queres bem a tua mãe e a tua irmã, ha de ser digna do teu nome. Morro triste porque os deixo pobres, quando muito ficam-lhe dous milhões. Em Paris, isso é a mediocridade, quem sabe se d'aquí a vinte annos isso será a miseria. Mas não olhemos para tão longe.

Mr. Staller encarou o filho :

— Não te pergunto quanto tiraste para pagar a tua divida de jogo. Naturalmente, tencionas descontal-o da tua legitima.

Gontran interrompeu o pae.

— Meu pae, eu me envergonharia de causar o menor desfalque no dote de minha irmã.

— Não o duvido ; eu quizera dar a cada um milhão de dote, e contentar-me-hia com o resto para viver no meu castello. Não se esqueçam de que ha dias em que os homens honrados pagam pelos velhacos. Não assignes nunca papel algum sem pensar no que vaes fazer ; já meu pae me tinha dito isto, mas o homem aprende sempre comsigo.

Staller tornou a beber um pouco de vinho do castello d'yquem.

— Consola tua mãe com o teu affecto ; casa tua irmã com um homem bem educado.

« Faz com que ella case por amor com um homem que a ame ; um homem e uma mulher honestos que se amam nunca são pobres. Quanto a ti, recommendo-te que cases moço ; a natureza não quer que o homem faça a sua casa depois de perder parte de suas forças. Todos esses amores fóra de familia são grãos de trigo perdidos em terra infecunda ; as boas searas são as que vem depois das boas sementeiras. Não te esqueças destas

palavras da Escriptura. « Infeliz do homem só » o que quer dizer : pobre do homem que não tem filhos.

— Meu pae, eu heide casar-me moço.

A imagem de Lucia passava pelo espirito d'elle como uma sombra funebre.

— Não te esqueças que a fortuna não sabe defender-se a si propria. Os vicios são todos os dias atacados, não direi pelos pobres, mas pelos que querem ficar ricos. Vive sempre em guarda; não é a caridade que arruina, é a tolice, é a imprudencia, é a loucura, é a paixão. Ha sortes e azares na vida. Quando vires que o vento é favoravel, navega a todo o panno; quando o vento for contrario, cruza os braços e espera,

Staller levou o copo aos labios.

— Estou a fallar muito em dinheiro; mas, como dizia meu pae, este fallar vale ouro... É que o dinheiro é um bom rapaz, é sempre o melhor amigo, porque se chama alternadamente : liberdade, fraternidade e caridade. Desde que o mundo é mundo tem-se feito uma politica, e assim deve ser sempre. A boa politica é a moeda de cem soldos. Ella arrasta todo o servilismo e consola todas as miserias. No dia da minha morte, dá esmolos sem conta a todos os pobres que encontrares.

A voz de Mr. Staller mal chegava já ouvido de Gontran, embora este estivesse inclinado para o pae.

— Não faço testamento, porque tu sabes quacs são as minhas ultimas vontades.

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
ORIGENES LESSA.

Tombo N.º 25153

Mr. Staller queria doutrinar, mas apenas proferia algumas palavras incoherentes ; tentava recuperar toda a força do seu espirito, mas estava exausto. Pronunciou o nome da mulher e o da filha. Quando ellas correram para elle, o moribundo mal as reconheceu. Estava acabado : o golpe da morte tinha sido profundo ; estava escripto que seria aquelle o seu ultimo dia.

Quando Gontran viu que estava tudo perdido, ás sete horas da manhã, subiu ao quarto e escreveu a Lucia participando-lhe a desgraça que lhe succedera.

*« Comprehendes a minha dôr. Não irei ver-te por estes dias, mas amo-te. »*

— O que disse Lucia ao ler o bilhete ! D'esta vez compra-me a casa ! exclamou fazendo uma pirueta.

E foi para o piano cantar uma aria da *Bella Helena*.

Quando acabou de cantar, murmurou :

— Gontran não vem ver-me estes dias, quem diabo virá ?

a  
P  
S

## XIV

## O AMOR E A CONSCIENCIA

D'ahi a seis semanas, Gontran e Lucia passeiavam pelos campos Elyseos em um coupé com uma cortina corrida.

Gontran sentia o pudor do seu luto.

Percorreram a avenida dos campos Elysios, a avenida Friedland, a avenida do Reine-Hortense, visitando as casas que estavam para vender, pensando já na vida de luxo e loucuras que ahi deviam passar.

Tinham visto as mais ricas. Lucia de nenhuma se agradava.

No entanto ella comprehendia que devia moderar um pouco as suas aspirações.

Contentou-se com uma casinha na rua de Courcelles, que custava apenas duzentos mil francos.

Como se resignava Gontran a curvar a cabeça a uma

nova loucura! Gastava com Lucia trezentos francos por dia : cavallos, carros, ramalhetes e vestidos, porque se ella não era ainda uma grande actriz, era já uma grande leôa.

É que Gontran estava sempre a lutar entre os compromissos de amor e os da consciencia. A consciencia dizia ao amor : « Isto é demais ; tu levaste-me mais longe do que eu queria : se dou mais um passo, não torno a achar o caminho. » O amor dizia á consciencia : Eu peço tão pouco para viver e ser feliz ! Por exemplo, esta casa necessaria para accomodar dous corações custa duzentos mil francos, mas a companhia de credito Territorial empresta cem mil sobre hypotheca. Ora, o que é uma hypotheca que se paga e se extingue em cincoenta annos ! Ter uma casa propria, é o idéal. Quem é que não tem hoje uma casa sua ! Viver em uma casa alugada, é viver em um omnibus ; ora, consciencia, minha amiguinha, tu andas muito atrazada ! A consciencia respondia com boas razões, mas bradava no deserto.

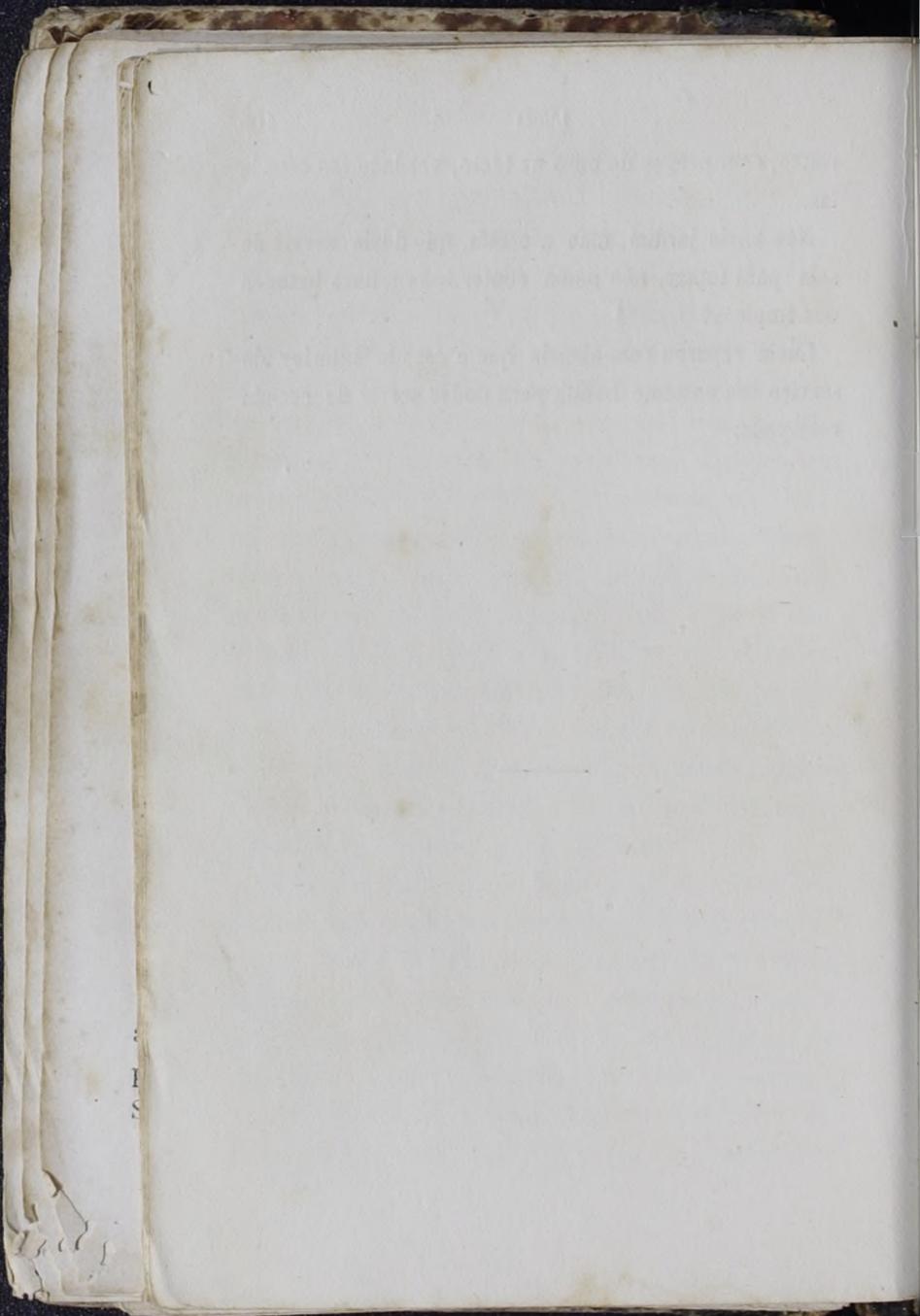
Lucia teve portanto a sua casa na rua de Courcelles. Era uma joia. Fachada de estylo Luiz XV, toda emmaranhada, figuras á Pompadour, grades de ferro, relevos harmoniosos. As salas interiores eram proprias para a intimidade, com suas guarnições de seda e ornatos de fina talha. A serrallharia indicava um artista ; os tectos eram todos cheios de amores e passaros. Poucas nuvens. Para que nuvens ! O quarto de banho todo de marmore

rouxo, com pregos de ouro no tecto, verdadeiras estrelas.

Não havia jardim, mas a estufa, que devia servir de sala para fumar, não podia conter toda a flora luxuosa dos tropicos?

Lucia reparou com alegria que a escada interior do serviço era bastante bonita para poder servir de escada reservada.

---



## XV

## A TOCADORA DE HARPA

Começou-se logo a fallar na casa de Lucia como em uma casa principesca. Nos primeiros dias ali se reunia a mais alegre sociedade; recebia uma vez por semana o que ha de melhor entre a peor sociedade. A chronica dos jornaes occupava-se todos os dias com a festa de Lucia, com os fatos e gestos, que sei eu? com as phrases espirituosas de Lucia.

Todos invejavam Gontran e todos chasqueavam d'elle. Elle queria todos os dias arrancar-se as suas delicias de Capua, e recalia fatalmente todas as noites sob seu dominio.

Lucia era o encanto e o veneno de sua vida. Mas não será por causa d'estas mulheres que se diz que os homens habituam-se aos venenos?

Gontran não vivia de todo entregue ás más paixões;

tinha suas horas lucidas durante o dia. Quasi nunca deixava de almoçar e jantar com a mãe. As actrizes nunca se sentam seriamente á meza, senão para cear : almoçam na cama, jantam quasi em pé, porque apressam-n'as a horas do espectáculo, a não ser nos dias em que não representam. Ora, Lucia representava quasi todos os dias, portanto Gontran podia almoçar e jantar em casa, sem que Lucia o accusasse de abandonal-a.

Logo que entrava em casa de familia, era outro homem: a imagem de Lucia não passava além da antecâmara, a recordação do pae dominava o lago ao entrar. Durante as refeições Mme. Staller, que sabia dirigir a conversa, apresentava ao espirito do filho as perspectivas de uma vida seria, coroado pela consideração. Ralhava-o por não se occupar em cousa alguma; tinha amigos nas sessões officiaes, aconselhava-o a pensar em um emprego qualquer; elle não era rico bastante para viver de braços cruzados.

— A menos, dizia-lhe ella muitas vezes, que faças um bom casamento.

Um bom casamento, queria dizer, casar com Mlle. de Marcey. que tocava tão bem harpa.

— Pois sim! disse Gontran, casarei com Mlle. de Marcey.

Mas dizia isso como se diz a um amigo que tem de partir para a India dentro em um anno: Irei contigo.

Gontran de vez em quando ficava á noite em casa com a mãe e a irmã, quando havia visitas. Embora estivessem de luto fechado, recebiam alguns amigos intimos: Mlle. de Marcey não não tinha intimidade, mas depressa a tomou.

— Não sabes, disse um dia Mlle. Staller ao irmão, Mlle. de Marcey vem hoje e outras amigas nossas tomar uma chicara de chá. Baterás também hoje a linda plumagem, formoso passarinho?

— Não; Mlle. de Marcey traz a harpa?

— Estas doido; bem sabes que aqui não se toca. E de mais, ella deixou de tocar harpa.

— Porque?

— Porque anda triste.

— E porque anda ella triste?

— Ah! é que está o segredo, mas o segredo é d'ella.

— Pois bem! Já que o segredo é d'ella confie-mo.

— Anda triste porque ama. Parece que o amor é triste.

— Bem te entendo, o que queres é fazer-me crer que é a mim que ella ama. Olha, minha querida, uma mulher que toca tão bem harpa é com certeza uma mulher que ama, mas ella ama o amor, dará tão facilmente o coração a Pedro como a Paulo. se não for eu, hade ser outro; e não for este, será aquelle.

— Achas ?

Gontran olhou para a irmã. Esta estava triste.

— Agora reparo, tu disseste que o amor é triste, tens também o teu segredinho ?

Gontran abraçou a irmã.

— Minha querida irmãsinha. Conta-me o teu segredo. Não é verdade que amas Raul?

— Que Raul ?

— Não é bonito fazer-me essa pergunta. Também sabes que só ha um Raul, é Raul d'Oraie. Tens razão em amal-o, é um coração leal, um espirito delicado, é o homem que eu teria escolhido para ti se tu ainda o não amasses.

Subiu uma lagrima aos olhos da donzella.

— Só tu soubesses como elle é teu amigo !

— Si tem um defeito, é não ter fortuna. Prima em ser esculptor ! Mas emfim, levanta-se hoje tantas estatuas, que não é para desesperar. E depois, para viver não se precisa de todos os bens do mundo.

Mlle. Staller desconfiava que Raul,— o unico Raul — não era rico, mas não sabia o quanlo montava a fortuna d'elle.

— O que me darás tu de dote, disse ella ao irmão fitando-o com o olhar proprio das almas ingenuas.

Exhaltando pelo amor paternal, Gontran respondeu :

— Tudo quanto tens, e tudo quanto tenho, se quizeres.

— Tudo o que tu tens ! murmurou ella. Eu e mamãe não ousamos interrogar-te ; sabemos que perdeste ao jogo, sabemos que não empregas bem o teu dinheiro. Diz-me a verdade, quanto tens tu ?

— Quanto tenho eu ?

O proprio Gontran não ousava interrogar-se.

— Escuta, minha irmã, tenho feito muitas loucuras, mas a tua fortuna e a de minha mãe, são sagradas. Se eu chegar um dia a não ter nem mais um soldo, restar-me-ha a resolução de não ter tocada na fortuna que não é minha.

— Causas-me medo ! Fallas de não ter nem mais um soldo, como se estivesse perto de chegar a esse extremo.

Ainda que Gontran não fosse bom mathematico, tinha vagamente calculado que, no andar em que ia, em seis mezes daria cabo do seu milhão.

Restava-lhe ainda cerca de cento e cincoenta mil francos tinhaintroduzido alguma ordem em sua desordem, ou antes era desordem de Lucia.

Por desgraça, elle que nunca mais jogou, — ultima submissão á memoria do pae, — arriscou-se a jogar na Praça, como todos os que querem jogar o pouco que lhes resta.

— Escuta, disse-lhe a irman, só vejo um recurso serio de que pôdes lançar mão se queres deixar de fazer loucuras, — ella queria dizer : se queres evitar a ruina, —

é casar com Mlle. de Marcey, ella ama-te e tem um milhão de dote, duas fortunas em vez de uma.

— Isso quero eu. É bonita, tem espirito, é de boa familia; para mim, é o inesperado.

— Então, até a noite.

— Pois sim, até o noite.

E Gontran correu para casa de Lucia:

— Sabes? disse-lhe Lucia, tenho um principe, nem mais nem menos, que vem dar serenatas á minha janella previno-te que te vou trahir.

— E tu sabes? disse Gontran, eu tenho uma princeza, que quer casar comigo; previno-te que te vou metter os pés.

Lucia queria trahir o amante, era este o seu modo de vida, mas não queria que lhe mettessem os pés.

— Quem é então essa rapariga.

— Uma loira rapariga, minha querida, que tem um bonito nome, e não teria grande pezar em chamar-se Mme. Staller.

— É uma tal ideia, a que tem todas essas meninas solteiras de casar para nos tirar os homens. Inda se fosse para os guardar!

— Algumas vezes guardam-nos; ha mais de uma mulher casada que é amante do marido.

Ao ouvir isso, Lucia saltou de ciuume.

— Ainda lá, meu caro, casa-te! E como se chama a tua princeza?

— Ainda não lhe sei o nome, respondeu Gontran.

— Como sabes então que ella tem um bonito nome? É sem duvida mlle. Merluchette ou de La-Grue. Deixa estar que heide saber tudo, tenho a minha policia.

Gontran arrependeu-se de ter dito tanto, mas acreditou que aquella leviana mulher não desse importancia a essa confidencia feita a tir.

A noite, em quanto Lucia cantava nos Bouffes um dueto com Leoncio, Gontran apaixonou-se seriamente por mlle. de Marcey.

Ha homens que sentem como sensitivas as variações da atmosphera. Quando Gontran estava no theatro desdenhava as mulheres da sociedade; quando se achava em sociedade, as mulheres do theatro confundiam-se nos bastidores com os accendedores e os machinistas!

Durante essa noite, estava Gontran admirado de ter deixado prender tanto tempo ás mentiras da mulher perfida. Julgava elle que respirava então pela primeira vez o ar vivo das montanhas. Voava-lhe a alma além das nuvens, para o azul do céu. Repousava os olhos com um encanto indizível nos lindos olhos de mlle. de Marcey. Alli, era tudo pureza, tudo era luz, era verdade tudo: nada tinha turbado esses lagos d'alma. A voz que lhe falava ainda tinha mentido; aquelles bellos lábios nunca deviam ter pronunciado d'essas phrases de amor que o coração não sente. Ter uma mulher que tambem é de

outros, será talvez um prazer infernal, mas ser o senhor unico de sua mulher não será o supremo bem?

Essa noite, Gontran não foi bater á porta de Lucia.

No dia seguinte de manhã, levantou-se orgulhoso de si, e andará até ahí tão arredo do dever que lhe parece agora heroico o que estava fazendo.

Na vespera, mlle. de Marcey e a irman de Gontran tinham combinado encontrar-se nos Italianos, no camarote da familia de Marcey. Gontran dava os parabens por que ia tornar a ver a gentil menina.

Era noite, tinha ella um lindo vestido azul ceeste, talvez um pouco decotado para uma menina solteira, mas o que é que não perdoa a um collo formoso, principalmente quando elle tem para velal-o a candura?

Mlle. de Marcey não era como essas raparigas que tem tudo a perder em decotar-se: a cabeça é bonita, a irradiação da belleza passa pela fronte, pelos olhos, pelos labios, mas as veias do pescoço, as depressões do collo, os seios tumidos que ainda mal despertavam, os braços fusiformes, prejudicam o rosto dando a quem o observa um espectáculo pouco por admirar.

Ha mulheres que só se desenvolvem aos vinte e cinco annos; cada idade tem os seus gozos, diz a canção. Mas mlle. de Marcey tinha-se desenvolvido de um jacto; tinha-lhe despontado a belleza com toda a vigorosa seiva da mocidade. Os sonhadores, os poetas, os que procuram um ideal talvez lhe achassem um que de terrestre e

abundante; quanto a mim, admirava-a tal qual era com todo o vigor da saude, toda a riqueza do sangue. Devemos sempre prestar homenagem á belleza, seja qual for o seu genero.

Era esta a suposição de Gontran. Tinha amado Lucia com uma pallidez doentia, com sua estructura nervosa e delicada: amava mlle. de Marcey com a sua força vivaz.

Foi para elle uma verdadeira alegria encontral-o nos Italianos; ella fallava com paixão a respeito de musica que adorava-a. Representava-se a *Somnanbulla*: pela primeira vez elle comprehendeu Bellini.

— É bonito e é bom, disse-lhe elle inclinando-se para ella, ouvir musica desta ordem e olhar para a senhora.

— Era melhor que olhasse para a Patti.

Dispensou-os de todos os galanteios que Gontran poz em campo. Mlle. de Marcey deixou-se prender a elles porque lli'o pedia o coração.

Gontran estava a mil leguas de Lucia, como se a sua paixão por elle tivesse sido uma farça dos Bouffe. O amor que elle já sentia por mlle. de Marcey era profundo, serio, poetico como a musica de Bellini.

A menina era tão franca que não usou de reservas para conversar. Achava que Gontran era encantador, que fallava-se de tudo sem pedantismo, com uma pontinha de espirito parisiense. Não era uma belleza, faria triste figura na vidraça de um cabelleireiro ou sobre o pedestal

do Apollo de Belvedere, mas todos reparavam em sua cabeça expressiva. Se não fazia cousa alguma, todos julgavam-o'o capaz de fazer o que quizesse. Quantos soldados nunca queimam um cartuxo e no entanto poderiam ser heroes!

Era noite, Gontran estava irresistivel. Quando a gentil menina se achou a sós em seu quarto, cantou em voz baixa a grande aria da Patti, como se as palavras de ouro de Gontran ainda lhe soassem ao ouvido.

— Decididamente, disse ella adormecendo, a *Sonambula* é a mais bonita de todas as operas.

E durante toda a noite, ella foi a sonambula do amor dormindo viu Gontran, viajava com elle pelo reino dos sonhos.

Via-se com uma corda de noiva, mas um corvo viajava sobre as flores de lorangeira.

## XVI

## DO PERIGO DE ESCREVER CARTAS

Mlle. de Marcey disse Gontran que tinha de acompanhar sua mãe ao baile da crôte. Gontran quiz ir tambem, mas a irmã objectou-lhe que elle ainda estava de luto fechado. O dia pareceu-lhe enorme.

— No fim de contas, disse elle consigo, se já não amo a Lucia, bem posso ir vel-a.

Encontrou-a descendo a escada para ir ao Bosque.

Queres vir comigo? perguntou-lhe ella.

Sabe-se que Gontran, em presença de Lucia, não tinha vontade propria. Deu-lhe a mão para entrar no coupé e elle entrou tambem como o escravo obidiente.

— Que tem isto? dizia elle consigo. Ninguem me verá; levantarei a vidraça e ficarei no meu canto com o uma toutinegra em seu ninho.

Perguntava Lucia se esperava encontrar o seu príncipe.

— Talvez, respondeu ella. E tu, que fizeste da tua princeza?

— Não a tenho visto.

— Pois eu via e vi-te com ella. Louvado seja Deus, era um bonito grupo. Creio que o hão de expor para o anno; chamarão ao grupo Romeu e Julieta, Hero e Leandro, Abélard e Heloisa.

— E onde nos viste tu?

— Ora essa! em um camarote nos Italianos.

— Como podeste tu representar nos Bouffes e ir ao mesmo tempo aos Italianos.

— Sim é o meu segredo. Mas olha que a tua princeza não é uma heroína de romance. Parece uma boa cosinheira! Por Deus, que costado! com as cadeiras que tem bem pode dormir em pé. Os pés hão de ser em proporção, não sei, não os vi. Tu queres uma mulher assim só para ti? Olha que ella chega para quatro.

— Cala-te! disse Gontran, prohibo-te que falles assim.

— Ah! é uma madona, é preciso benzer-me! Mas, meu caro, não sabes que ja não ha madonas? Tem toda a sua belleza e vigor de colorido ella não vale mais do que eu e Deus sabe quanto eu valho. — Pensas talvez que é com dinheiro seu que ella paga o camarote que tem nos Italianos?

— Supponho que não é com o teu.

— Talvez, porque se quem lh'o dá não lh'o desse, eu teria melhores cavallos.

Estavam então em meio da alameda da Imperatriz, no fluxo e refluxo das carroagens. Era impossivel apear-se. O lago estava apinhado de povo. Gontran não queria que Lucia terminasse a phrase; levantou a mão para suffocar a palavra nos labios injuriosos, e encaro-a como para fulminal-a com os olhos. Não sabia o que fazer para center-se e batia furiosamente com os pés, que parecia estar a ponto de arrebeutar o coupé.

— É minha culpa, disse Lucia, se a verdade te offende? Tu não conheces Paris, meu amigo. Não digo que não haja ainda algumas virgens nos collegios, destinadas a pedir esmolas para as pobres ou a serem castellans immaculadas; mas o seculo caminha, fica sabendo; se o dinheiro é bom servo, é máo senhor; é preciso que se lhe obedeça, custe o que custar. Eu não quero mal a essa rapariga: ella faz o que fazem muitas outras. Por ventura [tu te revoltaste contra mim porque eu te amei?

No espirito de Gontran, embora seu coração estivesse ainda revoltado, a duvida, a horrivel duvida succedeu á indignação. Lucia fallava com calma, com a intenção convicta da verdade. Seria a amante ciumenta? Seria a mulher que se vingava? Seria a comediante a representar um papel?

— Escuta, continuou ella, tu comprehendés que o que eu digo não é uma calunnia acria; quero que vejas com teus olhos e ouças com teus ouvidos. Onde vae á noite aquella senhora?

— E o que tens tu com isso ?

— Ora vamos, responde-me com impertinencias quando eu quero revelar-te a luz. Tu não és delicado. Eu sei onde ella vae hoje á noite. Onde te disse ella que ia ?

Goutran respondeu mau grado seu :

— Ao baile da corte.

— E tu acreditas n'isso ?

— Creio, sim creio !

A actriz pareceu reflectir.

— E d'ahi, não é impossivel que ella vá primeiro á corte. Mas sabes para onde vae ella depois ?

— Sei, sim, hade ir para casa.

— Ao que tu pensas : irá envolvida na sua innocencia deitar-se com a sua virtude. Pois, meu queridinho, é uma linda illusão que é preciso que te saia do coração.

— Então para onde hade, ella ir !

— E muito simples : hade ir ver o amante.

Goutran apertou com a sua mão de ferro a mão de Lucia.

— Muito bem, mate-me ! disse ella simplesmente.

Goutran teve vergonha a atirou a mão como se a atirasse pela porta do carro.

Estavam no extremo do Lago. Para não ver Lucia, elle olhou um pouco para fóra.

O que faz o accaso não se comprehende.

N'esse momento, Goutran viu Mlle. de Marcey fazendo um gesto a um grupo de cavalleiros. O namorado achou

o gesto muito familiar. E, como o ciúme perturba a visão, pareceu-lhe que a menina córava. Em qualquer outra ocasião, tudo aquillo lhe pareceria natural, e talvez nem lhe tivesse prestado attenção; mas depois das revelações de Lucia aquillo aterrou-o.

— Então, estás contente? viste a tua namorada? disse a comediante.

— Não fallemos mais n'ella.

Lucia comprehendeu que o que dissera produzira effeito.

— Não fallemos mais n'ella! mas o que eu quiz foi prevenir-te, estimo-te muito para consentir que desças a ponto de casar com uma rapariga que te traga de dote o dinheiro do amor.

— Tu estás doida!

— Conheço-a melhor do que tu. Tu conhece-l'a pelo theatro, eu conheço-a pelos bastidores.

— Tu não sabes o que dizes; ha calumnias que se espalham, mas que não produzem móssa nos espiritos serios. Talvez algum fatuo tenha fallado d'ella em tua presença.....

— Algum fatuo? Queres que eu t'a mostre com o amante?

— Tenho pena de ti.

— Pois sim, case com ella e mande! fazer os cartões de casamento na casa dos veados.

Estiveram algum tempo sem dizer uma palavra.

Gontran estava com o espirito perturbado: repellia

indignado a calúnia, mas lembrava-se que já algumas phrases pouco lisongeiras tinham sido ditas em sua presença, não a respeito de Mlle. de Marcey, mas a respeito de sua mãe. Havia pouco tempo que essas senhoras tinham chegado de Florença, a cidade do perdão.

— A Italia guarda as suas madonas para si, pensou Gontran. Não é impossivel que algum principe de contrabando tenha conhecido em Florença Mlle. de Marcey, quando ella tinha quinze annos.

Voltou-se para Lucia com ar decidido.

— Falla, disse elle. O que sabes?

— Eu, nada, respondeu ella friamente.

E voltou-se para o outro lado.

O homem mais energico vacilla quando tem o coração em jogo. Em vez de fortificar-se em seu amor, Gontran, que aliás não era homem de grande energia, abandonava-se mollemente á duvida, á duvida horriavel. Por mais que questionasse Lucia, esta não quiz dizer nem mais uma palavra.

— Sobes? disse-lhe ella quando chegaram á porta de casa.

— Não, disse elle, tomo o teu coupé.

— Para ir a casa d'ella?

— Tu bem sabes que é para ir para minha casa.

Não havia ainda meia hora que Gontran estava em seu quarto, quando recebeu de Lucia este bilhete.

Querido cégo.

« Põe os olhos. Entre meia noite e uma hora, estarei no Café Inglez, se me não vieres buscar ao theatro. Soube bonitas cousas. Sabes que na corte ceia-se a uma hora. Mandaram reservar o n. 12 no Café Inglez, para ceiar lá, — no silencio do gabinete. — A gente depois de uma valsa precisa isolar-se. Se me promettes]ter juizo, não dizer uma palavra, ver as cousas philosophicamente, far-te-hei assistir a esse spectaculo. »

Gontran amarrotou a carta e arremessou-a com furor. Mas tornou a apanhal-a e releu-a.

— É impossivel ! disse.

E contemplou com os olhos d'alma o rosto franco e formoso de Mlle. de Marcey, seu sorriso aberto, seu olhar leal.

— É impossivel ! tornou a dizer.

Desceu ao quarto da irmã.

— Diz-me, tu sabes a origem da fortuna de Mlle. de Marcey ?

— Não. Lembro-me vagamente de ter ouvido dizer que a sra. Marcey era uma mulher muito habil, e que tinha jogado com a renda italiana !

— Jogado !

— Fallas como se isso fosse um crime !

— Não gosto das mães que jogam.

— No entanto é uma cousa innocente.

— Não é tanto assim.

— É preciso dar que fazer ao dinheiro, quando o ha. A vida é um jogo perpetuo.

— Acho-te muito philosopha, o que tens tu hoje ?

— Estás com escrupulos de receber o dote de Mlle. de Marcey, oh ! estoico da Maison d'Or ! talvez queiras obri-gar a fortuna d'ella a fazer quarentena ?

— Basta de zombaria. Eu faço do casamento tão alta idéa, que quero entrar para elle com toda a minha fé.

— Compreendo. Tu estás tão pervertido pelas mu-lheres que tens medo de não achar uma digna de te obrigar a fazer penitencia. Pois, meu irmão, se ainda ha uma n'esse caso, é Mlle. de Marcey.

Gontran voltou para o seu quarto decidido a não ir ao Café Inglez.

Mas ninguém se admirará se eu disser que á meia noite elle foi buscar Lucia ao theatro para ir com ella ceiar ao Café Inglez.

— Pensavas que eu não vinha ? disse-lhe elle.

— Eu ! nunca o duvidei. A prova é que dei cinco luizes ao criado do n. 12 para que elle abra a porta á uma hora quando nós passarmos pelo corredor; infeliz-mente, não consegui arranjar um gabinete proximo, temos de ir para cima.

Gontran andava como em um sonho.

— E no entanto, dizia elle, Lucia está enganada. Dá credito á fatuidade de algum parvo que se gaba como

fazem em todos. Não serei eu o confundido, será ella, quando se abrir a porta e Mlle. de Marcey não estiver lá.

Elle não quiz cear ; só comeu algumas fructas. Mas, sem saber bem o que fazia, bebeu tres ou quatro taças de vinho de Champagne.

— Uma hora ! exclamou de repente Lucia. Vae começar o espectáculo.

Gontran levantou-se.

— É impossível, disse elle, tremo como se estivesse bebado.

— É a emoção.

— Não é o vinho.

Olhou para a garrafa.

— Admira ! bebi tão pouco mas estou tonto.

— E demais, disse Lucia, é a esta hora que o Café inglêz começa perder a cabeça.

Em todos os gabinetes gritava-se, ria-se e cantava-se. Paris nocturno dava alli o diapasão de sua locura.

Lucia tocou a campainha para avisar o creado do n.º 12.

— Carlos ! estão os dous apaixonados no n.º 12.

— Sim, senhora, não ha quem o não saiba.

— Divertem-se ?

— Um pouco, com decencia !

— A mulher é bonita ?

— Ha quem diga que sim. Basta que lhe diga que está deves tido decotado.

Gontran bateu com o pé.

— Vamos ! vamos depressa, disse elle.

E passou adiante. Foi direito á porta do n. 12, como se quizesse entrar.

— Scio ! disse Lucia detendo-o, o segredo não é teu nem meu. Hade abrir-se a porta, tu has de olhar e passar para diante senão, vamos-nos embora ; basta de duellos. E demais tu não has de querer fazer um escandalo.

Lucia disse isto tudo depressa, enquanto o criado procurava a chave.

Abriu.

Gontran olhou e passou.

Que tinha elle visto ?

— É ella, não é verdade ? disse Lucia levando o consigo.

— Não o posso crer, disse elle estupefacto.

— Viste-a com o seu lindo collo, seu vestido azul e o seu adereço de coral rosa. Não é lá cousa muito rica ! Mas é uso as meninas solteiras vivem simples. Reparaste que ella não parecia estar a aborrecer se ? Na guerra como na paz !

Gontran já não ouvia Lucia. Descia rapidamente a escada para não obedecer á sua indignação, porque queria voltar ao n. 12, e entrar com a sua pallidez, como a estatua do patricio de Pedro.

— E lembrar-me de que ella estava ahi como se esti-

vesse em sua casa! murmurava elle entre dentes. E com quem! com os cotovellos apoiados sobre a mesa, a ouvir as impertinencias daquelle idiota. Heide matal-o!

E voltando-se para Lucia :

— Dizes que é um principe aquelle animal de cabellos vermelhos que estava alli deitado sobre a mesa, pavoneando-se, apezar do seu nariz de tromba ?

— É verdade, é um principe. Não é bonito, mas tem as folhas douradas.

Chegaram á rua.

— Para onde vais tu? perguntou Lucia a Gontran.

— Para tua casa.

Gontran interrogou Lucia o mais que ponde.

— Mas como sabias tu que Mlle. de Marcey ia ceiar hoje ao café Inglez ?

— Tu bem sabes que eu dou-me com a melhor sociedade; conversam perto de mim; nos bastidores não ha segredos: um falla da mulher, outro falla da amante; este dá noticias ao jornalista, aquel'e conta em segredo a chronica escandalosa. Nada é occulto em Pariz; cada homem tem o seu confidente; acontece o que costuma acontecer com os segredos de comedia: ora, eu vou sempre para os primeiros camarotes para ouvir tudo.

— Depois de ter visto, ainda não acredito.

— E eu acreditaria sem ver, porque conheço melhor as mulheres do que tu. Tu imaginas facilmente que assim como ha mulheres perdidas, ha tambem mulheres

inaccessíveis. Meu caro amigo, a mulher que resiste é porque não encontrou ainda o homem que a hade dominar.

— Leste isso em Saint Bruyère?

Gontran não queria convencer-se.

— E demais, disse Lucia, ha dous senhores que vem a mulher : o que tem amor e o que tem dinheiro. Quem te diz que aquella mulher não curvou a cabeça ao dinheiro? Sabes com certeza se é a mãe della quem lhe paga os vestidos? Sabes de onde vem o dote que lhe promettem dar? Tenho ceado mais de uma vez com estrangeiros anonymos que não tinham medo de nós outros, porque bem sabiam que nós não frequentamos a sociedade para reconhecêl-os lá! Olha, se me não queres crer, hei-de dar-te melhores provas.

E Lucia, que de nada receiava, apoiou o que dissera com estas palavras :

— Queres tu cear uma noite com ella e comigo?

— Quero! disse Gontran, como querendo medir a profundidade da sua magoa.

Mas depois de uma pausa.

— Não! disse elle, como se não quizesse tragar o vergonha de Mlle. de Marcey.

## XVII

## A PENNA ÁS VEZES FERE COMO ESPADA

Pela manhã, Gontran reconheceu que tinha readquirido o amor d'ella.

Lucia dormia ainda quando elle acordou; um raio de luz matinal cahia sobre os cabellos em desordem da comediante. Elle pensou n'aquelles lindos cabellos onde tantas vezes respirara a embriaguez e talvez a felicidade; tocou-lhes com os labios, mas já lhes não achou o mesmo seductor perfume.

Amava a menina de Marcy.

Lembrando-se do horrivel espectaculo da vespera, aquella rapariga decotada, com os cotovellos apoiados á mesa, a rir das tolices que lhe dizia o seu companheiro de aventuras, vinha-lhe o desprezo ao coração, mas não conseguia matar o amor nascente que cedo se arraizára.

Gontran não acordou Lucia.

Entregue ao ciúme, decidido fa achar a decifração do enigma, correu a casa de seu amigo Raul d'Oraie que não faltava a um baile da corte e conhecia M<sup>lle</sup> de Marcy.

Teve de acordal-o.

— Raul, vejo por tua espada e teu chapéu de bico que esta noite dansaste na sala dos marechaes ; diz-me, encontraste M<sup>lle</sup> de Marcy?

— Vi-a e fiz-lhe a corte por ti. Diabos te levam e a tua lembrança de vir acordar de manhã tão cedo um homem que não perdeu uma valsa.

— Valsaste com ella?

— Valsei, eu gosto das mulheres d'aquella estatura ; tenho medo d'essas pennas que, á primeira volta, voamos dos braços.

— Ellas assistiram a ceia?

— Não. Valsei com M<sup>lle</sup> de Marcy ás onze horas e meia, pedi-lhe outra valsa, respondeu que antes da valsa seguinte retirar-se hia.

— E por onde iam ellas?

— Isto é o segredo dos deuses, e pergunta-o a mã ou a ella. Eu creio que ellas foram pura e simplesmente deitar-se. Olha cá, tu estás apaixonado por ella? Diz-me, está em concurso a successão do teu amor a Lucia? Diabo! olha que te não hão de faltar herdeiros. Emfim, dou-te os parabens, fizeste bem em mudar de patria. Quando é o casamento?

— Ainda não chegamos tão longe. Acho M<sup>lle</sup> de Marcy encantadora, mas ainda se não leram os pregões. Adeus, ver-nos-hemos no Bosque — se acordares hoje.

Gontran correu a casa de M<sup>lle</sup> de Marcy.

Morava ella com a mãe em um segundo andar na rua de Provence. Em casa d'ellas havia o luxo cosmopolita mais proprio de um acampamento que de uma habitação. A mãe e a filha gostavam mais de frequentar a sociedade do que de estar em casa; esperavam que M<sup>lle</sup> de Marcy se casasse para lhe arranjar então o ninho.

Os aposentos eram ornados com a fria architectura de ha vinte annos. Salões brancos dourados, com desenhos detestaveis, pesada cornija onde se viam alguns enfezados raminhos, e no meio d'isso, moveis de toda a parte, palissandre, páu rosa, tudo isso a acotovellar-se com ornatos desastrados, relogios de carregação, quadros de contrabando, jardineiras das que se vendem ás duzias, tal era o aspecto da casa.

Ao chegar a casa d'ellas, Gontran recordou-se d'esse interior que o entristecera; já lá tinha ido duas vezes com sua mãe e tinha-se aborrecido, apesar, que logo á primeira vista, M<sup>lle</sup> de Marcy lhe ter parecido encantadora.

— É verdade, murmurou elle, que este aposento não me inspira confiança, falta-lhe a intimidade que cada um procura ter na casa em que vive. No entanto se,

como diz Lucia, houvesse um amante não viveriam em um aposento, mas sim em casa propria.

Entreabriu a janella da porteira.

— As senhoras de Marcy?

A porteira olhou para Gontran com alguma surpresa.

— Senhor, essas senhoras não recebem senão depois do meio diá.

— Bem sei. Mas minha mãe quer vir buscal-as para irem á missa. Voltaram muito tarde do baile da cõrte?

— Eram por ahi tres horas de madrugada.

— Eu pensava que M<sup>lle</sup> de Marcy nunca se deitasse tão tarde.

— A mãe, é possível, mas a filha...

A porteira estava embalando um menino doente. Gontran deu-lhe cinco luizes.

— Tome, para seu filho.

Entrou para o quarto da porteira, querendo interrogal-a ainda, embora tivesse vagonha de descer a essa inquirição.

— A muito tempo que essas senhoras moram aqui?

— Ha seis mezes.

— Vem cá pouca gente?

— Qual! é um vae-vem perpetuo. Todas as nações sobem esta escada.

Gontran sabia que M<sup>me</sup> de Marcy frequentava principalmente a sociedade internacional.

— Não tem ouvido fallar em um casamento?

— Não sei; tenho apenas reparado em um estrangeiro que vem cá muitas vezes e que anda lá em cima como em sua casa, mas não sei se vem por causa da mãe ou da filha.

Gontran não perguntou mais.

— É isto, disse elle, Lucia não se enganava. Porque razão minha mãe não estudou melhor estas mulheres?

Antes de sahir voltou-se para a porteira.

— Estas senhoras são deveras ricas?

— Oh! quanto a isso! Ha por cá muita desordem, mas é uma boa casa, em que o dinheiro anda a rolo e pagam á vista.

Gontran correu para casa da mãe.

— Sabem! ouvi contar bonitas cousas de M<sup>lle</sup> de Marcy.

— Que queres dizer? Não te entendo.

— Eu é que te não entendo! Franquear tua casa, inda mais, teu coração, a mulher d'aquelle ordem!

— Tu estás doudo!

Gontran contou então á mãe que M<sup>lle</sup> Marcy tinha sahido do baile da côrte antes da ceia para ir cear ao café Inglez, onde elle a viu, tendo ella ido para casa ás tres horas da madrugada, pelo que elle estava desesperado.

— Minha mãe, disse elle, o que ha de mais triste no meio de tudo isto é que eu amo-a! tenho ciumes! e estou furioso!

M<sup>me</sup> Staller estava attonita; chamou a filha.

Quando a calúnnia ataca a uma mulher, inda que esteja branca e pura como a neve inacessível levanta-se contra ella, pela malicia dos factos, um mundo de accusações. Corou, logo é culpada. Não corou, é porque já não córa. Sua candura? é uma mascara. E a sua ingenuidade? Já não ha mais ingenuas. O homem que fôr accusado de ter roubado as torres de Notre-dame, fuja da justiça, e a mulher que for accusada de ter faltado á virtude, chore.

M<sup>lle</sup> Staller defendeu a amiga com a eloquencia do coração, mas os ciumentos não querem deixar-se convencer, muito menos pela innocencia.

— Escuta, disse ella ao irmão, vamos immediatamente a casa de M<sup>lle</sup> de Marcy, tu mesmo çã interrogarás, não quero que guardes nem mais cinco minutos em teu coração um odio suspeito.

Gontran recusou.

— Eu não suspeito, accuso! disse elle. Esta tudo acabado, não quero mais vel-a. Ah! nem tu nem minha mãe sabem que abysmos e mysterios ha em Pariz.

M<sup>me</sup> Staller lembrou-se de como tinha conhecido as senhoras de Marcy.

Fôï em casa de uma americana, onde havia mais luxo que decencia. Em Pariz a amisade cresce depressa, porque tambem não dura.

M<sup>me</sup> Marcy era muito agradável, a filha sabia muito bem musica, e por isso M<sup>me</sup> Staller sympathisára muito com ellas, encontraram-se depois muitas vezes; de sympathia á amizade só ha um passo. Mas a respeito do passado nunca fallaram.

M<sup>me</sup> Staller continuava a defender a amiga mas, a mãe deixava-se pouco a pouco se convencer pelos argumentos do filho.

— Olha! disse-lhe ella, como temos de ir hoje a casa d'ellas, estudal-as-hemos de mais perto.

Contra não sabendo o que fazer foi para o seu quarto. Devia voltar a casa de Lucia? Sentia-se arrastado para M<sup>me</sup> de Marcy. Abriu a gaveta de um aparador de carvalho esculpido, onde amontoava todas as suas cartas, cartas de amor e cartas de negocios, pagina por pagina da sua vida. Pôz-se a revolver esse capharnaum.

A primeira carta que encontrou era do tabellião, que elle mal tinha lido.

— Oh! meu Deus, disse elle, ia-me esquecendo.

O tabellião tinha-lhe emprestado algum dinheiro, apenas dez mil francos, e agora instava por elles. Não ha quem menos dinheiro empreste que um tabellião.

— Dez mil francos! onde diabo quererá elle que eu os vá buscar!

Contra vivia sem poder contar com o dia seguinte, pedindo emprestado a todos, promettendo sempre pôr

fim ás suas desordens, como todos os que tencionam ter juizo— amanhã. Pela primeira vez em sua vida resignou-se a fazer contas. Fez grandes addicções, mas as dimiauições emparelhavam com ellas para as destruir.

Arremessou longe de si a penna horrorizado.

— Mas assim nada mais tenho ! disse elle.

E pensou em M<sup>lle</sup> de Marcy.

— Era a minha salvação !

E d'ahi a pouco:

— Se eu quizesse, seria ainda a minha salvação.

Submetteu o coração a uma luta entre a honra e o dinheiro ; lembrou-se que está o mundo cheio de gente que passa bem capitulando com a consciencia, lançou os olhos em torno de si e penetrou em todas as almas perdidas que affrontam a dignidade.

— Não, disse elle, antes morrer !

É que elle via sempre M<sup>lle</sup> de Marcy no n. 12 do café Inglez.

Mas como pôde ella chegar áquella baixeza?

Talvez estivesse soffrendo as consequencias de uma primeira falta, um desses desvarios que algumas meninas commettem sem ter consciencia delles.

Quem sabe se não era abrigada a obedecer á imposições da força maior? Talvez tivesse conhecido esse homem na Italia, e se resignasse a vel-o ainda para comprar-lhe o silencio, aliantando-se no escandalo,

a

p

Si

ou seria ella victima de alguma mercancia infame feita pela mãe, um d'esses contratos de infamia reciproca, em que um entra com o dinheiro e outro com o corpo? Ou seria ella uma dessas raparigas complacentes que, por ter horror á miseria, se sujeitasse secretamente á deshonra, para salvar a familia?

Era para endoudecer. Conhece-te a ti mesmo, diz a sabedoria das nações: ora, o homem não se conhece. Como poderá elle conhecer a mulher, o symbolo eterno do bem e do mal? A mulher que deu ouvidos ao espirito do demonio estando sob o olhar de Deus?

Era meio dia; a essa hora M<sup>lle</sup> de Marcy recebia uma cartinha anonyma, garatujas com ares de brincadeira, mas que deviam deixar signaes e envenenar.

« M<sup>lle</sup> de Marcy está satisfeita com a noite que passou? Baile na còrte! ceia no cafe Inglez; suppõe-se que levava no vestido uma flor do formoso Gontran: era para que cada um tivesse o seu quinhão. Só as filhas-familias sabem divertir-se: dizem que as mulheres perdidas lhes roubam os amantes. Calumnia! São aquellas que roubam os amantes d'estas. Para M<sup>lle</sup> de Marcy isto é um costume antigo. »

A pobre menina ao ler esta carta ficou pallida como a morte e desmaiou vendo apparecer a imagem de Gontran.

A mãe correu para ella, levantou-a nos braços e

deu-lhe a cheirar saes, passando ao mesmo tempo uma vista d'olhos pela carta que lhe tinha cahido aos pés.

No mesmo dia, uma amiga officiosa veio fazer uma visita a M<sup>lle</sup> Marcy.

— E então, não me querem contar a novidade ?

— Que novidade ? perguntou M<sup>lle</sup> de Marcy inquieta.

— Sou eu então quem lh'a hei de contar ? Deviam ter-me confiado isso mais cedo.

— Não comprehendo.

— A menina vae casar com Gontran Staller ? porque faz segredo da sua felecidade ?

— A senhora está mais adiantada do que nós, disse M<sup>lle</sup> de Marcy.

— Dou-lhe os parabens; boa familia bonito rapaz, um pouco doudo pelas actrizes, mas é preciso pagar o tributo á mocidade. Estes homens! o melhor d'elles não presta para nada! Estimo muito que esse casamento se faça, mas sou muito sua amiga para lhes não dizer tudo que sei.

— Ainda uma vez, digo-lhe que não ha tal casamento. Mas enfim, o que sabe a senhora ?

— Sei que o sr. Gontran Staller, que é o melhor dos filhos e dos irmãos, concordo, já comeu tudo que tinha e um pouco tambem do que não tinha. Dizem que o dote da irmã está já em parte consumido e que a mãe

ficará arruinada pagando as dividas delle. Meu filho é que não é capaz de se acanalhar com actrizes !

E enquanto a mãe e a filha olhavam uma para outra, surprehendidas por tal revelação, a mulher continuava a fallar de seu filho. Esse é que era um anjo, tinha sido educado pelos jesuitas, tinha horror ao theatro, era assiduo á missa e ao sermão ; nunca sabia só, em uma palavra, era um santo.

— Confesso-lhe, disse M<sup>lle</sup> de Marcy, que comprehendeu que o que a tal mulhersinha queria era empurrar-lhe o santo, que teria muito orgulho e dar-me-hia por muito feliz em casar com o sr. Gontran Staller, inda que elle não possuísse um soldo. Se elle tem dividas, nós bem podemos pagal-as, não é assim, mamãe ?

M<sup>me</sup> de Marcy beijou a filha que estava pallida, ainda por causa da carta anonyma.

Sabe-se que á noite toda familia Staller devia vir passar duas horas á casa dos srs. de Marcy.

M<sup>lle</sup> de Marcy enfeitou-se mais do que nunca. As fadigas da noite e a magoa daquelle dia tinha-a empallidido, o que dava á sua belleza um não sei que de terno e commovente. Desde que ella amava Gontran havia sempre em sua physionomia mais expressão.

Deu ordem ao creado para ir dizer ao porteiro que a sua mãe não estava em casa para ninguem, excepto para a familia Staller.

Ás nove horas sentou-se ao piano e tocou arias da

*Somnambula*; a mãe estava perto della risonha a ler os jornaes da noite. Às dez horas, começavam a admirar-se de não ouvir bater ninguem á porta.

Às dez e meia, M<sup>lle</sup> de Marcy sahio do piano e levantou a cortina de uma janella da sala para ver passar as carruagens.

Às onze horas, abriu a janella para respirar, a mãe tinha adormecido.

Trouxeram o chá.

— Tens certeza, perguntou M<sup>lle</sup> de Marcy ao criado, que as sras. de Staller não vieram ?

— Sim, minha senhora, tenho certeza d'isso, porque o porteiro que veio cá acima saber se era preciso ficar acordado até muito tarde, disse que não tinha vindo pessoa alguma, a não ser o marquez d'Asti.

— Tu bem sabes que ella sempre vem tarde, disse M<sup>lle</sup> de Marcy, que não tinha olhado para o relógio.

M<sup>lle</sup> de Marcy esperou ainda.

Á meia noite, atirou-se aos braços da mãe, exclamando :

— Ah! como eu sou desgraçada !

Toda a noite não dormiu, no dia seguinte, á hora do almoço, com a esperança de a essa hora encontrar Gontran, foi a pé, acompanhada por sua creada grave, a casa da familia Staller.

Subiu para o quarto da irmã de Gontran e conheceu logo que estava tudo perdido para ella.

Mlle Staller poz-se a chorar e apezar de lhe não querer dizer nada, confiou lhe tudo o que o irmão lhe tinha contado.

Mlle de Marcy ouviu-a até ao fim, como se a indignação a não deixasse fallar.

Depois, ao fim de alguns momentos de silencio, levantou-se e com voz altiva deixou cahir estas palavras :

— Seu irmão disse isso ? Sinto vergonha por elle. Seu irmão foi ver-me em um gabinete do café Inglez ? Julgou que era possível encontrar-me lá ? Disse que me viu ! O que é então seu irmão ? É uma alma de lacaio. Pois eu poude amar um homem tal ! Oh ! mas nunca mais me merecerá senão desprezo ! Adeus ! creio que a senhora não imagina que eu desça a defender-me !

Mlle de Marcy sahio sem voltar a cabeça. A raiva dominava-lhe o coração, se visse Gontran têt-o-hia esbofetado. Quizera que a terra se abrisse para recebê-la. Ao sahir, elevou a mão ao coração, dizendo :

— Eu morro !

a  
pa  
St

## INDICE DOS CAPITULOS

---

I. — Quanto custa um boquet de cem soldos.....	5
II. — Perfil a tres-quartos de M <sup>lle</sup> Lucia.....	17
III. — Um pai romano.....	31
IV. — Noite de febre, dia de febre.....	35
V. — Dinheiro ao amor.....	43
VI. — Uma nemia para casar.....	49
VII. — Lucia chora.....	57
VIII. — A chuva de ouro.....	65
IX. — A familia.....	69
X. — A vida intima.....	77
XI. — As loucuras de uma cadeira de orchestra.....	81
XII. — Um passeio.....	91
XIII. — O testamento.....	97
XIV. — O amor e a consciencia.....	103
XV. — A tocadora de harpa.....	107
XVI. — Do perigo de escrever cartas.....	111
XVII. — A pena ás vezes fere como espada.....	129

FIM DO INDICE DO PRIMEIRO VOLUME.

CASTELLO BRANCO

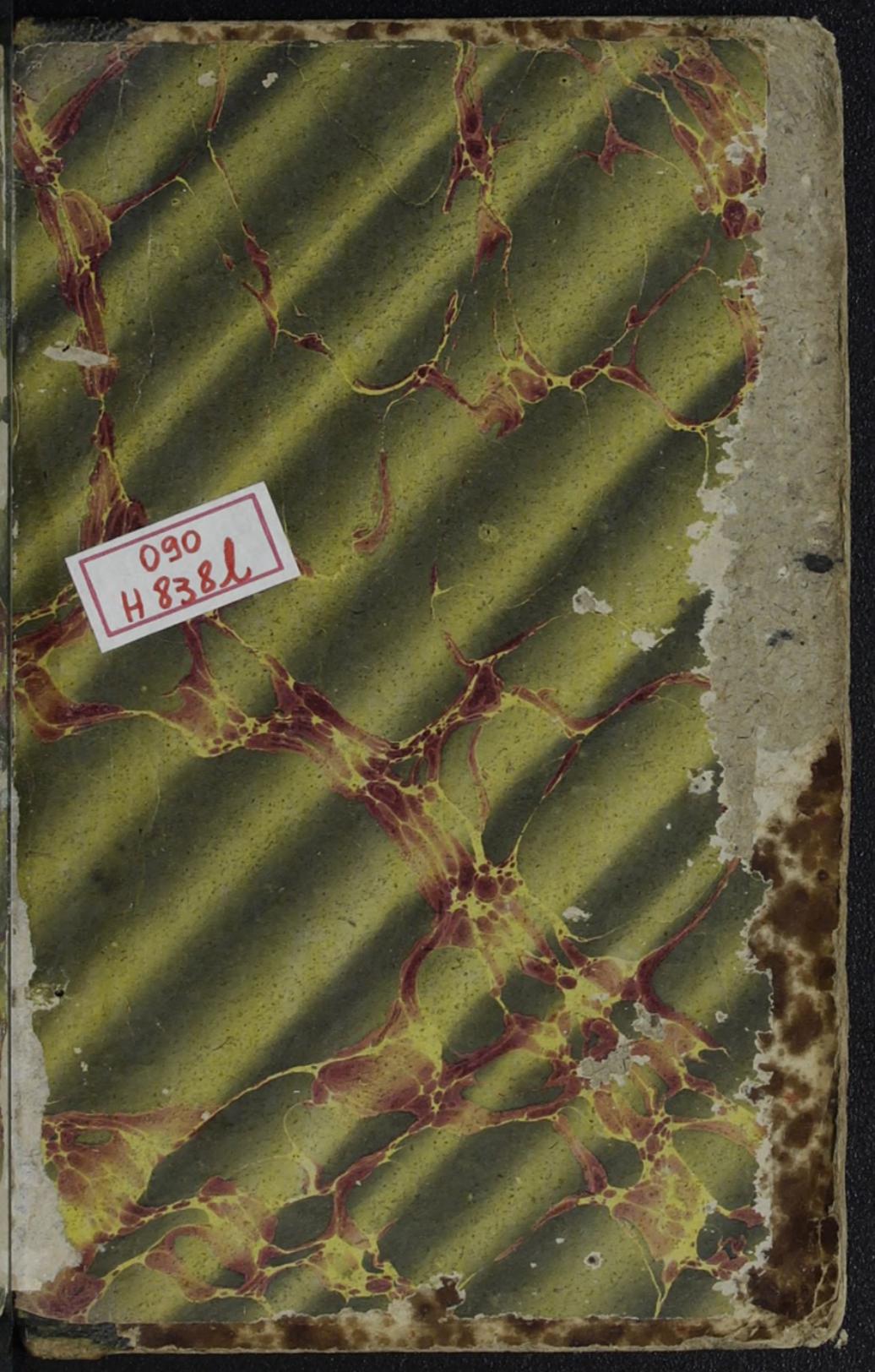
CASTELLO BRANCO

*Cartas de Juanes*

CART II

20



The image shows the front cover of an old book. The cover is decorated with marbled paper featuring a pattern of green, yellow, and reddish-brown veins. The paper is heavily worn, with significant damage along the right edge and corners, where the underlying board material is exposed. A small, rectangular white label with a red border is affixed to the left side of the cover. The label contains the handwritten numbers '090' and 'H 838l' in red ink.

090  
H 838l

